Figura 93 – Homens da semana

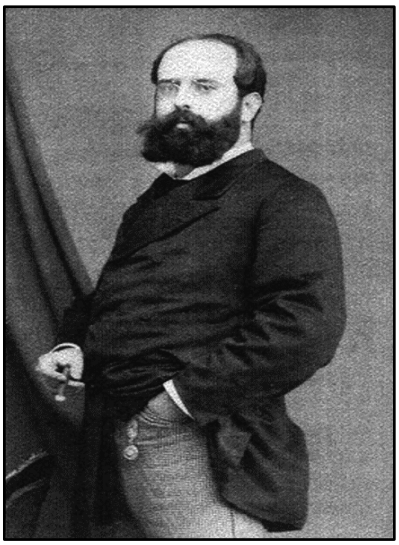
Fonte: Jornal *O António Maria*, 8 de maio de 1891, p. 80, por Rafael Bordalo Pinheiro.

4. UM PORTO DE SENSAÇÕES: OS MISTÉRIOS DE GERVÁSIO LOBATO

> O romance, o drama, a comedia estão cá fora, sentam-se nos camarotes, passeiam nos corredores, agitam-se por detraz do pano, complicam-se nos tribunaes, amadurecem nas cadêas.
> *A comédia de Lisboa*, Gervásio Lobato

Gervásio Jorge Gonçalves Lobato nasceu em Lisboa no dia 23 de abril de 1850. Filho de Gervásio Gonçalves Lobato, oficial maior da Secretaria da Marinha, e de Maria das Dores Leite Lobato. Fez seus estudos visando à carreira diplomática, como ambicionava o seu pai, entrou no Curso Superior de Letras e tirou a cadeira de Direito Internacional na Escola Naval.

Figura 94 – Gervásio Lobato



Fonte: <https://www.geni.com/people/Gervasio-Jorge-Gon%C3%A7alves-Lobato/6000000020167094109>.

Contudo, a vocação pela literatura traçou-lhe um destino bem diverso, e a pena se tornou o seu ganha-pão. Cedo principiou a sua vida literária. Aos 15 anos Gervásio já havia fundado, com outros colegas estudantes, um jornal literário, *A Voz Académica*. Assim, fixou-se na capital do Reino como jornalista. Colaborou em inúmeros jornais, como: a *Gazeta de Portugal*, a *Gazeta Literária*, o *Recreio*, o *Jornal da Noite*, o *Diário Ilustrado*, o *Progresso*, o *Correio da Noite*, o *Século*, o *Diário de Notícias*, *O Occidente*, *A Ilustração Portuguesa*, *A semana de Lisboa*, o *Branco e Negro*, entre muitos outros mais.

Logo em um dos seus primeiros trabalhos, no *Diário da Manhã*, para o qual entrou a convite de Pinheiro Chagas, o escritor alcançou prestígio como folhetinista, recebendo elogios do próprio diretor do jornal:

> Um dia propuz-lhe que escrevesse uma serie de folhetins com o titulo de Vida em Lisboa. Seduziu-o a idéa. Com o pseudonymo de Gilberto escreveu a primeira revista narrando um facto da vida real. A aparição d'este folhetim foi em Lisboa um acontecimento litterario [...] Lisboa tinha mais um grande folhetinista. [...] O que o distingue entre os seus contemporaneos, é a franqueza, a espontaneidade do seu estylo e do seu espirito, tão diversos do estylo preparado, laboriosamente arranjado, e do espírito real (…) dos seus contemporaneos" (CHAGAS, 1911, p. VIII).

Também, no Brasil, o seu estilo foi muito elogiado:

> "Bastante conhecido, tanto na sua pátria como aqui no Brazil, onde seus trabalhos de literato e comediógrafo eram merecidamente apreciados [...] De estylo leve, gracioso, no folhetim, habilmente humorista e ironico na comedia, alcançou elle [Gervásio Lobato] um verdadeiro sucesso, rivalisando os seus trabalhos com os quo, actualmente, melhor produzem. (CORREIO PAULISTANO,1895, p. 1)

Gervásio passou a sua mocidade nos bastidores do teatro. Suas incontáveis peças fizeram rir as plateias dos mais renomados palcos de Portugal e do Brasil. No Teatro Ginásio, as suas comédias, ano após ano, surgiam interpretadas pelo ator Vale, um dos maiores cómicos do teatro português oitocentista. Entre tantos sucessos, se destacam as peças: *A Condessa Heloísa (1878)*, *Medicina de Balzac* (1879), *A Burguesa* (1882), *Sua Excelência* (1884), *O Comissário de Polícia* (1890) e *As Noivas do Eneias* (1892). Entre as operetas cómicas: *Maria da Fonte* (1879), *O Burro do Senhor Alcaide*[93] (1892) e o *Solar dos Barrigas* [94](1892).

Figura 95 – Os autores do Burro do Sr. Alcaide – Gervasio Lobato, D. João da Camara e Ciriaco Cardoso

Fonte: Revista *O Occidente*, n. 1045, 10 de janeiro de 1908, p. 8.

[93] Escrita com a colaboração de D. João da Câmara e música de Cyriaco de Cardozo.

[94] Idem

Figura 96 – Capa do caderno de partitura da opereta *O Solar dos Barrigas*

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal – Biblioteca Nacional Digital em <http://purl.pt/ 28945>.

Gervásio Lobato obteve, ainda em vida, um notório reconhecimento. Em 1892, foi agraciado pelo Rei D. Carlos com o honroso colar de oficial da Ordem de Sant'Iago da Espada, em uma récita de caridade, realizada no Teatro de São Carlos. Para a ocasião, o autor escreveu a peça *O Festim de Baltazar*, representada pelos "primeiros actores portugueses" (ALBERTO, 1895, p. 123).

Figura 97 – Os homens da semana

Fonte: Jornal *O António Maria*, 10 de maio de 1891, p. 98.

Afora a sua grande contribuição aos jornais, com críticas e com folhetins e ao teatro português, com originais, com traduções e com imitações, a sua verve inesgotável "brindou as empresas editoras com os seus romances": *A Comédia de Lisboa* (1878), *A Primeira Confessada* (1881), *Os Invisíveis de Lisboa* (1886-1887)[95], *Os dramas d'África* (1887-1888)[96], *Lisboa em Camisa* (1890), *Os Mistério do Porto* (1890-1891), *A Comédia do Teatro* (1890) e *O Grande Circo* (1893).

A vida literária não garantiu o sustento da numerosa família do autor. Gervásio se casou com Maria das Dores Pereira d'Eça d'Albuquerque, prima do escritor Eça de Queirós. Com Maria das Dores teve três filhas, e, quando os filhos de sua irmã ficaram órfãos, "quasi sem recursos, foi ele buscar os sobrinhos para casa, cuidou d'eles, como pae, e desde aquelle dia contou, inesperadamente o seu lar, mais tres creanças para alimentar e educar" (ALBERTO, 1895, p. 123).

E "foi assim que, apesar das suas comedias e dos seus folhetins, elle sentiu a necessidade de arranjar um emprego" (ALBERTO, 1895, p. 123). Gervásio Lobato assumiu o cargo de segundo oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino e exerceu o cargo de professor de declamação na Escola Dramática do Conservatório de Lisboa.

Figura 98 – Gervásio com suas filhas

Fonte: <https://www.geni.com/people/ Gervasio-Jorge-Gon%C3%A7 alves-Lobato/6000000020167 094109>.

[95] Com a colaboração de Jaime Vítor.

[96] Iniciado por Leite Bastos; revisto, desenvolvido e completado por *Gervásio Lobato* & Jaime Vítor.

Acabou por falecer "vítima de uma moléstia de rins, complicada com uma lesão cardíaca"[97], no dia 26 de maio de 1895, na sua cidade, Lisboa. "Compareceram commissões de sociedades litterarias, jornalistas, escritores, deputados e os actores dos theatros de Lisboa. Toda a imprensa dedicou sentidos artigos, fazendo-lhe honrossimos necrologios" (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1895, p. 1).

Gervásio Lobato foi uma figura conhecidíssima em seu tempo. A presença significativa das obras do autor nos anúncios de jornais e nos catálogos de gabinetes de leitura e bibliotecas evidencia a sua popularidade entre o público da época. Também são inúmeras as passagens nos periódicos oitocentistas sobre a sua vida, a sua obra e o seu grande sucesso.

O autor também foi estimado e respeitado por muitos escritores da época. Em 1867, na Gazeta de Portugal, Gomes Leal publicou o poema *A Gondoleira*, dedicando-o ao escritor. O seu romance *A comédia de Lisboa* recebeu um elogioso prefácio de Pinheiro Chagas, e Gervásio foi também convidado a prefaciar vários textos, como *Um Idílio* (1884), de Batista Machado; *O Senhor Alferes: Costumes Alentejanos* (1893), de Augusto Xavier de Mello e *Retratos Humorísticos: Álbum de Figuras Alentejanas* (1893), de J. A. Caldeira Rebollo.

Profundo conhecedor da sua cidade, Gervásio Lobato é ainda lembrado pelo seu célebre romance *Lisboa em Camisa*. As peripécias de uma família burguesa recém-chegada à capital foram adaptadas para o cinema, em 1960, pelo diretor Herlander Peyroteo, e são objeto de pesquisas mais recentes.[98]

Figura 99 – Cena do filme Lisboa em Camisa

Fonte: Acervo do Museu RTP.

[97] *Gazeta de Notícias*, 1895.

[98] *Lisboa em Camisa*. Filme e Série de ficção de 15 episódios, produzidos pela RTP em 1960.

Depois de esquadrinhar, em romances e em peças teatrais, a sua "musa literária", Lisboa, em 1890, Gervásio Lobato, por encomenda, começa a desvendar o lado obscuro da respeitável sociedade portuense, seguindo a fórmula de sucesso *d'Os Mistérios de Paris*, à época, com mais de meia década de sucesso:

> Gervásio Lobato, de uma ocasião em que veio fechar contracto com o honrado editor que foi Joaquim Leitão, pai do pai do actual escritor com o mesmo nome, para a confecção de um romance no género Eugène Sue, cuja acção devia desenrolar-se no Porto, lá se anichava desde o pôr-do- sol até à alvorada (MONTEIRO, 1921, p. 39).

Como no folhetim francês, mesmo mencionando o nome das ruas, dos restaurantes, dos teatros e de figuras históricas, os cinco volumes que compõem *Os Mystérios do Porto* descrevem a cidade para além de sua forma física. O texto retrata uma metrópole cosmopolita que assume diversas faces, com uma carga de potencialidade aberta para a violência, a impessoalidade da existência e a vastidão do incomensurável.

O "romance de sensação"[99] de Gervásio, por vezes, privilegia espaços costumeiramente associados ao crime, como as ruas mal iluminadas em torno do Palácio de Cristal, os calabouços da Cadeia de Ponte de Lima, as tavernas da Ribeira e os alcouces do bairro da Sé. Mas, mesmo nos lugares onde há uma grande circulação de pessoas, o espaço urbano, principalmente o noturno, também é retratado como fonte de ameaças e perigos.

Através dessa topografia criminal, os relatos de sucessivos incidentes, ligados sobretudo a transgressões e delitos sexuais, podem ser, aparentemente, extraordinários e fantasiosos. Mas um simples confronto com dados históricos e com as notícias dos jornais da época confirma que eles ocorriam sim, e com frequência, e alguns deles foram, comprovadamente, inspirados em casos verídicos, como o próprio autor afirma:

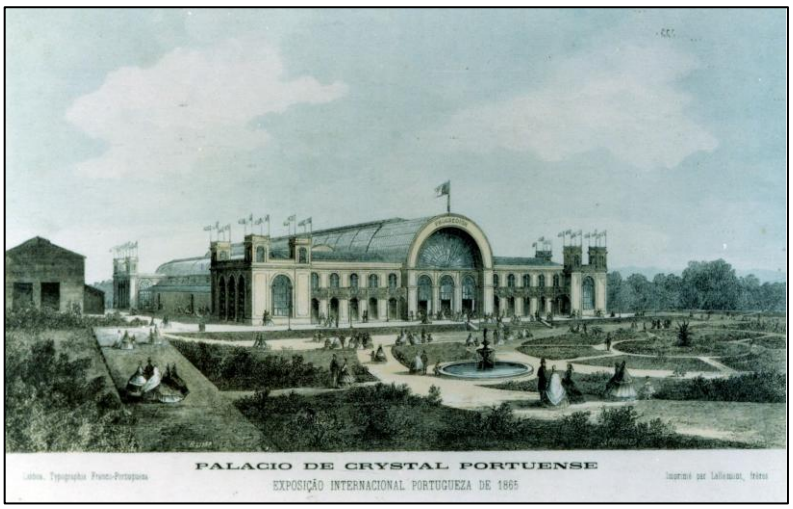
> É provavel que o crime seja em breve provado e então quando for contado com todo o seu mysterioso enredo, os nossos leitores dirão se tinhamos ou não temos razão quando dissemos, que a verdade é ás vezes tudo o que ha de mais inverosimil, e que muitas vezes os capitulos mais absurdos, mais melodramaticos dos romances de sensação, que a critica despreza como desparatados e inverosimeis, são mais realistas, mais verdadeiros que todos os romances mais terra a terra da escola naturalista. (LOBATO, 1990, p. 1),

O primeiro dos crimes a ganhar destaque no romance de Gervásio, um estupro, ocorre em um dia de comemoração a São João, em "noite de festa brilhante no Palacio de Crystal". Ao descrever "a turba anonyma", acotovelando-se para assistir "arder os fogos" do início das comemorações juninas, o narrador assinala os tipos que formavam a população da cidade: senhoras, militares, paisanos, fidalgos, burgueses, janotas, operários, vadios e gatunos.

---

[99] Assim o próprio autor o denomina e também é assim que ele é anunciado nos periódicos da época.

Figura 100 – Palácio de Cristal portuense: exposição internacional portuguesa de 1865



Fonte: Arquivo Municipal do Porto – Postais antigos do Porto: reproduções.

"E tudo ali andava braço a braço, lado a lado", "as personalidades mais eminentes da alta sociedade portuense e as figuras mais crapulosas da ínfima escoria do Porto" encontravam-se em "uma inconsciente fraternidade democrática" proporcionada pela festa religiosa (LOBATO, 1890, v. II, p. 8). No entanto, essa "confraternidade forçada" ocorria apenas nas ruas principais, "que defrontavam e torneavam" o belo edifício do Palácio. Nas ruas mal iluminadas, "reinava um silencio calmo, vago, voluptuoso, apenas cortado aqui e ali pelo murmúrio suave de vozes amorosas trocadas mansamente, pelo esvoaçar de beijos quentes e languidos, que se erguia d'essas escuridões mysteriosas, como um hyno pagão a Venus" (LOBATO, 1890, v. I, p. 8).

Essa atmosfera sensual é interrompida por um "grito terrível de angustia, de pavor, sahindo das escuridões do bosque" (LOBATO, 1890, v. I, p. 15). Os clarões dos fogos denunciavam um inanimado "corpo de mulher, deitado de costas, com as roupas erguidas n'uma desordem obscena". Pela "desordem das roupas" e pela posição" em que a rapariga fora encontrada, era possível presumir que um "monstro vilíssimo", "cevara n'aquella formosíssima rapariga inerme os seus ferozes desejos bestiais" (LOBATO, 1890, v. I, p. 39).

Contrariando a antiga noção de que apenas os lugares ermos eram perigosos, o espaço em que ocorre a agressão sofrida pela personagem não estava vazio. Por mais paradoxal que possa parecer, as grandes aglomerações urbanas não coibiam a ocorrência de crimes. Na verdade, conforme a análise do historiador Georges Vigarello (2000, p. 154), os processos de estupros cometidos contra mulheres adultas, julgados no final do século XIX, indicam que

essas agressões eram praticadas, geralmente, em ruas ou em estradas bem próximas aos lugares destinados a bailes ou a comemorações públicas.

Além de ocultar o momento da ação delituosa, o apagamento do sujeito, que se foge e se perde na multidão uniformizante, dificulta a identificação do criminoso. A massa era realmente "o asilo que protege o antissocial contra os seus perseguidores". Logo, naqueles idos, os lugares com maior concentração humana estavam intimamente atrelados às transgressões sociais e aos feitos criminosos, consolidando a ideia de que as cidades, outrora consideradas locais de relativa segurança em comparação com o rude meio rural, são, de fato, um lugar de vulnerabilidade e perigo.

Embora, de alguma forma, o romance reafirme a importância de valores mais caros para aquela sociedade, como o recato, o casamento e a família, nos seus momentos de maior ação, curiosamente, todos esses preceitos perdem sua eficácia e viram pelo avesso, despertando sensações em quem lê. Este tipo de narrativa, conhecida na época como "romance de sensação", mostra a intenção de "submeter os leitores a experiências estranhas, surpreendentes e confusas", a fim de "envolvê-los em uma caçada mental pela solução de um mistério, em vez de induzi-los à contemplação relaxada do desenrolar de uma ação" (SKILTON, 2012, p. xx).

N'*Os Mistérios do Porto*, as cenas de maior ação ou impacto ganham um reforço das ilustrações. Para os leitores as gravuras favoreceriam a percepção das emoções e dos feitos das personagens. Já para os analfabetos, elas ajudavam a entender sumariamente o enredo.

Figura 101 – Quiz gritar, mas senti-me amordaçada

Fonte: LOBATO, 1890, v. I, p. 131.

As mesmas ilustrações também se destinavam a atrair atenção do público, sendo impressas em anúncios do romance veiculados por periódicos:

Figura 102 – Quiz gritar, mas senti-me amordaçada

DIARIO ILLUSTRADO

Hoje—Real Colyseu—Hoje

HISTORIA DE ROMA

GRANDE BARATEZA

Fonte: Jornal *Diario Illustrado*, n. 6178, 14 de junho de 1890, p. 1.

Isto ocorre, por exemplo, na descrição da cena do socorro a uma jovem desacordada e inerte. O diálogo travado pelas policiais e médicos que a atenderam explicita, por meio de uma carga semântica erótica, o fascínio, o desejo e o asco despertados por "aquelle delicioso corpo de mulher":

> Os dois médicos esquecendo-se completamente da sua profissão e do motivo que tinha despido aquella mulher, que ali estava imóvel, inerte, na sua brancura marmórea, como uma esculptura deliciosa, quedaram-se um longo momento a comtemplal-a, fascinados, como que em extasis. [...]
> – Então, parece-lhes queestará viva?
> O dr. Gaspar debruçou-se sobre a desconhecida, collou o seu ouvido ao peito esquerdo, nu, hirto, formosissimo, d'aquelle corpo esculptural, mas desviou logo a cabeça com uma expressão de reptugnancia.
> – O que é? perguntou o commissario.
> – Está morta. Tem já a gelidez cadaverica disso o dr. Gaspar, tendo pela primeira vez pena de vêr triumphar a sua opinião. Ora veja o collega, parece que é de marmore este corpo.
> – Lá isso parece, pela côr e pela dureza, e mármore bem trabalhado [...]
> (LOBATO, 1890, v. I, p. 37).

A vítima, entorpecida pela ação de narcóticos, recobra os sentidos e, nesse ponto do romance, se iniciam as investigações sobre a agressão sofrida pela belíssima Alda, filha de uma modesta costureira e de um ator do teatro. Como a moça não sabia dizer quem a atacou, a

reposta só poderia ser encontrada em terceiros. Então, tal e qual ocorre nos casos verídicos, as várias testemunhas, os parentes, os amigos e possíveis suspeitos começam a ser inquiridos pelo investigador.

Várias personagens são ouvidas pelo comissário de polícia, para que ele e também o leitor conheçam a origem dos problemas e os rumos dos acontecimentos. A regressão temporal estabelece uma ordem anterior ao crime e ajuda os investigadores intra e extradiegéticos na solução do mistério.

O romance, portanto, ao invés de ter um fio narrativo linear, apresenta um mosaico de narrativas combinadas, que, em determinados momentos, se cruzam, se misturam e se contradizem. Assim, a investigação policial, para o leitor, também funciona como um passaporte, que permite trânsito livre pela intimidade de indivíduos de diferentes classes sociais, uma vasta galeria humana que expõe inumeráveis dramas coletivos e individuais.

Não se pode deixar de considerar que o testemunho, para além da sua grande importância à economia interna do romance, durante o século XIX e inícios do século XX, era mesmo a prova judiciária mais valorizada. Não só pela insipiência de meios científicos, mas também, e talvez sobretudo, pela força da palavra, escrita ou oral, em uma cultura que dava um peso singular à opinião pública. Logo, a recolha de depoimentos e de testemunhos, diretos ou indiretos, que ficavam registados por escrito na parte preparatória do processo, era peça essencial na construção do corpo de delito (GARNEL, 2007, p. 132-133).

Os depoimentos eram ainda mais importantes nos crimes de natureza sexual, pois a sedução, a violação e o estupro, em geral, eram praticados às ocultas e sem a presença de testemunhas. Nestes casos, era a palavra da vítima contra a do réu, que, é óbvio, negava todas as acusações proferidas contra a sua pessoa. Sendo assim, a credibilidade da vítima e de sua família costumava ser ferozmente atacada pelo acusado e pela defesa, sendo a primeira coisa a ser apurada pelos investigadores.

Então, a partir de uma longa analepse, os primeiros a terem o passado devassado e julgado são justamente os pais de Alda, Manuel dos Passos, o Passinhos do Baquet[100], e Julia Magalhães, a modesta modista da rua Cedofeita. E, infelizmente, o casal já havia vivido muitas desventuras desde de sua chegada ao Porto.

Passinhos fora nascido e criado na pacata cidade de Tomar. Filho de uma família de "remediados" lavradores, recebeu de um antigo frade "uma educação que não é muito vulgar

100 Teatro construído pelo alfaiate portuense António Pereira Baquet, em 21 de fevereiro de 1858. Foi inaugurado com um baile de Máscaras, no Carnaval do ano seguinte. Na noite de 20 de março de 1888, ficou completamente destruído por um incêndio que iniciado nos bastidores.

entre campônios". Sem possuir talento para o Latim e nem vocação para o celibato, provavelmente, terminaria seguindo os mesmos passos de seus pais. Porém, a leitura d*'A menina do quinto andar*, aflorou no rapaz um grande "instincto inconsciente de actor", "começou logo a querer representar o que lêra, a fazer ao vivo na vida real, o que faziam os heroes de Paulo de Kock" (LOBATO, 1890, v. I, p. 144).

A tal "ambição artística" de Passinhos cresceu ainda mais com a chegada de uma companhia de teatro itinerante, selando para sempre o seu destino. A aparição dos "cômicos ambulantes" demonstra todo o preconceito enfrentado pelos artistas naquela época. Os habitantes do lugar enxergam os integrantes do grupo teatral como imorais, trapaceiros e aproveitadores:

> – Mas então a culpa não foi dos cômicos, foi d'elle que foi tolo, que se deixou comer, comentou Xavier.
> – Os senhores sabem lá o que é essa corja de comicos e comicas! Onde aquillo cae é peor do que um raio: tiram os olhos da cara a uma pessoa, e sem se dar por isso, e com muitas bonitas maneiras, com muito palavriado! Eu cá é gente que nem pintada! (LOBATO, 1890, v. I, p. 165).

Essa desvalorização profissional acarretava dificuldades financeiras. Eram poucos os que conseguiam uma boa remuneração atuando fora das grandes companhias. De acordo com o que é exposto e salientado pelo narrador, as "cômicas" itinerantes eram ainda mais discriminadas que os homens que exerciam a mesma arte nas mesmas condições.

Passinhos logo se entusiasmou com Domingas, "amasia" do dono da "trupe", cujo nome de batismo era Júlia. Em pouco tempo, e de posse de uma soma importante de dinheiro obtida de maneira ilícita, o casal fugiria de Tomar, deixando para atrás suas antigas existências. Domingas/Júlia sentia por Passinhos "um amor sincero, impetuoso, apaixonado, cheio de toda a poesia, de toda a ternura, de todas as dedicações". Pelo rapaz, "aquella saltimbanca de província" abandona a vida de atriz e se torna uma distinta modista. (LOBATO, 1890, v. II, p. 31)

Para comentar a "redenção" social da personagem, o narrador faz alusão à Marion Delorme[101], cortesã que também se regenera por amor na obra criada Victor Hugo: "O amor do Didier refazer a virgindade de Marion não é uma phrase vazia, uma banalidade qualquer mettida dentro d'um verso sonoro: é uma verdade profunda, eterna" (LOBATO, 1890, v. II, p. 31).

---

[101] Em *Marion Delorme* (Victor Hugo, 1829), a personagem título apaixona-se por Didier e resolve dedicar-se exclusivamente a ele, mas não tem coragem de confessar seu passado, nem sua verdadeira identidade, temendo-lhe a reação. A trama foi baseada na vida da famosa cortesã Marie de Lon, que, século XVII, atendia a celebridades como Milton e Corneille. A referida frase no texto original : "Et ton amour m'a fait une virginité".

Este não é o único exemplo de interação com outros textos. São inúmeras citações e alusões a várias outras obras de cunho popular ao longo do romance, além da sua evidente, e já mencionada, relação intertextual com *Os Mistérios de Paris*.

Embora o sentimento da cômica seja considerado sublime, ele não é exatamente valorizado pelo narrador que parece criticar a entrega total e submissa de Júlia. A moça maliciosa e esperta, perdida de amor e pelo amor, age de forma ingênua, se deixando enganar por um rapazote leviano. E, justamente quando está "regenerada", Júlia não alcança a tão sonhada felicidade conjugal. Depois de gastar todo o dinheiro que havia furtado do amante da sua companheira, Passinhos, que não consegue ser "Sancho Pança" e levar "vida toda material, maçuda e grossa" (GARRETT, 1963, p. 21), procura o seu sustento no barracão dos Carmelitas[102].

Sonhando com a existência glamorosa vivida pelos grandes atores, o rapaz do interior acaba se evolvendo com uma outra atriz, Bibi, cujas "pernas, verdadeiras obras primas de escultura, eram bem metade do seu talento". O rapaz, que parecia preferir dividir com outro homem uma "mulher que o mundo despreza" (CASTELO BRANCO, 2008, p.118), do que continuar com um relacionamento monótono com uma "mulher que o mundo respeita" (CASTELO BRANCO, 2008, p.85), abandona a sua costureira, sem saber que ela estava grávida.

O flerte entre Bibi e Passinhos não teve vida longa. O jovem, ao descobrir que dividia "as atenções" da sua nova amante com Gonçalves, o diretor da companhia, desfere, em meio a uma apresentação, "umas bengaladas no biltre que o queria deshonrar" e termina a noite "entre as quatro paredes nuas e sujas do calabouço da prisão de Ponte de Lima" (LOBATO, 1890, v. I, p. 383).

A passagem do jovem ator pela prisão de Ponte de Lima retrata as condições dos improvisados presídios de cidades menores. Segundo o narrador, a cadeia do concelho "não se parecia mesmo nada com a Bastilha e por tanto não era necessário ter muitas parecenças com Latude para conseguir safar-se d'alli. (LOBATO, 1890, v. I, p. 384).

Passinhos, temendo que informações sobre o rapto de Domingas e sobre o furto o deixassem em uma posição ainda mais difícil, articula um plano de fuga com outros presos de maior periculosidade: "Esses dois presos, que estavam para ser julgados um por ferimentos de que resultára a morte, outro por assalto na estrada a uma diligencia que vinha de Caminha para Vianna, abraçaram com alvoroço a ideia e trataram de a pôr em pratica" (LOBATO,

[102] Teatro construído em madeira junto à Cerca dos Carmelitas, que mais tarde daria origem ao Teatro das Variedades.

1890, v. I, p. 385). E isso não lhes foi difícil, devido às “condições de pouca segurança que tinha a cadeia”.

Segundo Alexandra Esteves, as evasões da Cadeia de Ponte de Lima eram de fato muito frequentes, uma vez que, além de contar com instalações improvisadas, muito debilitadas e vulneráveis, os seus “guardas eram mal pagos e deficientemente fiscalizados”, sendo presas fáceis para a corrupção. De acordo com a historiadora, a cadeia de Ponte de Lima, maior estabelecimento prisional do concelho, sofreu uma série de arrombamentos, e por conseguintes fugas de presos, na primeira metade do século XIX.

Esta situação de insegurança implicava a necessidade de manter na vila um destacamento militar para guardar os detidos ou, se fosse caso, deslocá-los para as cadeias de Viana do Castelo, ou para a praça militar de Valença. Esta prática de transferência de detidos para estabelecimentos considerados mais seguros, que se foi mantendo ao longo dos anos, não só acarretava custos, como podia propiciar fugas. Este procedimento também não deixava de agravar a situação dos reclusos, pois ficavam afastados das suas famílias e amigos, que muitas vezes lhes serviam de amparo.

Muitos desses prisioneiros, quando conseguiam fugir, se agrupavam em bandos para praticarem assaltos nas estradas próximas e, assim, garantirem a subsistência. Então, a par de uma criminalidade não organizada ligada à miséria e à falta de condições mínimas de sobrevivência, teve lugar uma outra, organizada e premeditada, que, tirando partido da instabilidade política e a total falta de policiamento que marcava os caminhos do Alto Minho na primeira metade do século XIX, colocando em sobressalto o povo e as autoridades desta região.

Uma noite, portanto, Passinhos e os seus dois companheiros “safaram-se da cadeia pelo sitio menos limpo, mas o mais proprio para a evasão, pela retrete, e immundos, asquerosos, como ratos que sahem do cano” (LOBATO, 1890, v. I, p. 385). Após a fuga, os fugitivos começaram a ganhar a vida umas vezes esmolando, outras vezes roubando, outras trabalhando nas estradas que iam dar no Porto.

Foragido da justiça e sem ter um outro ofício que lhe garantisse o sustento, não restava outra alternativa a Passinhos senão continuar no crime. Forte, inteligente e perspicaz, o rapaz do interior passa a ser o chefe “de gatunos, de facínoras, de assassinos”. O “rei da ralé” planejava os “negócios” “em que aquella canalha toda andava mettida e em que ganhava torpemente o pão de cada dia” (LOBATO, 1890, v. II, p. 398).

Curiosamente, o narrador ressalta que os membros da quadrilha escolhiam e observavam a rotina de suas vítimas “entregando-se ostensivamente á profissão de amoladores, percorrendo de dia as ruas da cidade, trazendo ás costas a caranguejola em que amolam facas e tesouras” (LOBATO, 1890, v. II, p. 391). Além dos artistas mambembes, mais uma profissão popular aparece, ligada ao crime, no romance.

A historiadora Maria João Vaz afirma que os dados relativos à ocupação dos prisioneiros detidos em Lisboa durante a segunda metade do século XIX comprovam que as profissões mais vezes declaradas ou atribuídas a eles são as de ambulante, de carroceiro e de cocheiro (2014, p. 202). Especificamente sobre o Porto, Maria José Moutinho Santos salienta que 50% dos presos entrados na Cadeia da Relação trabalhavam com o comércio ambulante ou realizando serviços itinerantes (1999, p. 121).

Figura 103 – Amolador de facas e tesouras, aquarella de Roque Gameiro

Fonte: Jornal *Branco e Negro*, 13 de março de 1898, p. 371.

Transformado “pelo desgosto, pelo desconsolo soturno e profundo que lhe roia a alma por estar n'aquella vida miserável” (LOBATO, 1890, v. I, p. 392), Passinhos sentia que a fuga do cárcere só havia lhe deixado mais privado de liberdade. Até que, de tanto perambular pelas ruas da cidade, o errante Passinhos reencontra Júlia e descobre que tem uma filha. As duas viviam sob a proteção de um casal amigo: o merceeiro Alves e a também costureira Emília.

Depois de alguns acertos, Passinhos estava “reabilitado”, casara-se com Júlia e estava empregado na venda do novo compadre. As duas modistas eram como irmãs, e uma ajudava a outra na criação dos filhos e nos melindres da costura. Mas os maridos eram absolutamente opostos na “maneira de pensar, em modo sentir, em indole, em caracter, em educação, em predilecções. Sem poderem evitar, todo o tempo, “o burguez odiou o artista, e o artista troçou o burguez” (LOBATO, 1890, v. II, p. 47).

Os dois casais se separam de vez quando Passinhos abandona o mofino trabalho de pesar manteiga e bacalhau, para atuar novamente, agora nos palcos do recém-inaugurado Baquet. Mesmo fazendo parte de uma grande companhia, a remuneração do ator não garante o sustento da sua família e sua atividade é motivo de certo estigma social.

O “romance de sensação”, como afirma Alessandra El Far, buscava provocar as emoções do leitor (2004, p. 113). A escolha do teatro Baquet como a nova “casa” de Passinho não parece ser, portanto, obra do acaso. Além de ter sido uma das mais belas salas de espetáculos da cidade, o teatro ardeu em um incêndio que causou mais de uma centena de mortes na noite do dia 20 de março de 1888, menos de seis anos antes *d’Os Mistérios do Porto* começarem a ser publicados. Nesta enorme tragédia também morreu Maria Antónia das Neves, mulher de António Joaquim da Silva Júnior, filho do dono do teatro, conhecida por ter sido detida por andar vestida e agir como se fosse um homem. O público da época, com certeza, ainda estava de luto pelos mortos da catástrofe e conhecia muito bem a “história sensacional”.

Figura 104 – Incendio do theatro Baquet, no Porto

Fonte: Revista *O Occidente*, n.334, 01 de abril de 1888, p. 1.

Alves, o burguês por excelência do romance, por sua vez, recebe uma herança vinda do Brasil e acaba por enriquecer verdadeiramente. Os cem contos de réis fortes transformam a vida do comerciante, que, em pouco tempo, passa a ser comendador, e depois conselheiro. A vertiginosa ascensão política do merceeiro, obviamente movida pelo dinheiro vindo do Brasil, consolida a entrada do pequeno burguês para o grupo social dominante, várias vezes duramente comentado pelo narrador:

> [...] a fidalguia nova, a fidalguia fabricada na vespera, vasia dos antepassados illustres, mas cheia de saccos de dinheiro, a fidalguia do ouro, a dominante do dia, que se alastra pelo nosso mundo moderno, ruidosamente, com toda petulancia pelintra o insolente dos *parvenus*, avida de dar nas vistas e de humilhar os outros, echendo os echos com o tilintar das suas libras ganhas sabe Deus como [...] (LOBATO, 1890, v. II, p. 117).

Através da ascensão social do pequeno burguês, o narrador impiedosamente critica tanto a "aristocracia quanto a burguesia que viviam seus simulacros: a primeira, tentando manter as aparências de uma antiga opulência e a segunda, imitando os gestos e gostos da primeira, para garantir o aparato de sua riqueza e seu poder recente" (ANDRADE, 2013, p. 67).

Nesse ínterim, Júlia afirma-se enquanto modista de destaque, trabalhando em dobro para sustentar a casa, uma vez que o parco salário do marido não era suficiente para as despesas. A comadre Emília, agora uma dama da alta sociedade portuense, não podia mais criar seu filho Heitor junto da afilhada. Mesmo separados, os meninos encontravam-se de tempos em tempos. Eles cresceram nutrindo um sentimento de afeição recíproca, mas sem nunca receber as bênçãos do Conselheiro Alves. Principalmente após o ocorrido no jardim do Palácio de Cristal.

Os diálogos entre pai e filho demonstram a posição de cada um sobre a situação de Alda. Para o conselheiro Alves, a jovem estava desmoralizada e a sua única chance de reabilitação era casar-se com o malfeitor. Para Heitor, o filho ilustrado do burguês "nouveau riche", essa solução seria absurda, o mesmo que vitimá-la novamente:

> – Foi e Deus queira que a policia o encontre para o obrigar a reparar o seu crime.
> – Que reparação pode ter um crime tão infame?
> – O casamento.
> – O que? Casar esse miseravel com ella? E chama a isso a reparação do crime? Eu chamo-lhe aggravamento da infamia.
> – Mas é o costume.
> – É um costume idiota e imoral. (LOBATO, 1890, v. II, p. 288)

E não era apenas o costume social. Essa reparação era prevista no Código Penal Português de 1852, em vigor na época[103]:

> Artigo 400º
> Nos casos de estupro, ou violação, o criminoso será obrigado a dotar a mulher offendida,
> § unico. Se, porém, casar com ella, cessará toda a pena (PORTUGAL, 1852, Seção 2ª – Cap. IV – Tit. IV – Liv. II, p. 118).

Mesmo no final do século XIX, o estupro e a violação ainda tinham como consequência a desqualificação moral e a desonra feminina. Esse "mal" era agregado à imagem da mulher, transformando-a aos olhos dos outros. A opinião pública, muitas das vezes, acusava e culpava a "seduzida", ao invés de repudiar o "sedutor", que ainda era exaltado, aplaudido e até invejado[104]. Como é observado no romance:

> [...] o crime de estupro só podia chamar-se crime por uma rabujice severa de magistrados de rabicho, não era crime, era, uma brincadeira, quando muito um delicto, mas um delicto agradável a toda a gente, tanto ao algoz como á vitima.
> E sobre este mote choveram de todos os lados as glosas, mais ou menos apimentadas, não sendo com certeza as mulheres as que menos o glosaram. (LOBATO, 1890, v. I, p. 71)

Muitas aceitavam se casar com o agressor, visto que eram quase nulas as suas chances de reconstruir a vida e/ou contrair matrimônio em outras circunstâncias. Mesmo que o caso não se tornasse público, era muito arriscado unir-se a um pretendente sem contar-lhe o fato, pois se um homem descobrisse que, ao se casar, a esposa não era mais virgem, poderia pedir a anulação do casamento, previsto no Código Civil de 1866:

> (Erro que vicia a vontade)
> O erro que vicia a vontade só é relevante para efeitos de anulação quando recaia sobre a pessoa do outro contraente e consista no desconhecimento de algum dos seguintes factos:
> a) A nacionalidade ou o estado civil diferente do que lhe era atribuído ou que ele se arrogava;
> b) A prática, antes do casamento, de algum crime doloso punível com pena de prisão superior a dois anos, seja qual for a natureza desta;
> c) A vida e costumes desonrosos antes do casamento;
> d) A impotência funcional incurável, absoluta ou relativa, ou alguma deformidade física irremediável, já existentes ao tempo do casamento;
> **e) A falta de virgindade da mulher ao tempo do casamento.**
> (PORTUGAL,1966, art. 1636 – Seção II, p. 446)

Seguindo a tendência da evolução do direito penal, os códigos penais portugueses, que vigoraram em boa parte ao longo do século XIX, empregaram os termos relativos à

---

[103] A narrativa se inicia no ano de 1868: "Era noite de festa brilhante no Palacio de Crystal. Nos jardins, onde, muito recentemente ainda, se tinham inaugurado as festas nocturnas, pois estava-se em princípios de junho de 1868 (LOBATO, 1890, v. I, p. 7).

[104] PRAÇA, José Joaquim Lopes. *A Mulher e a Vida ou a Mulher Considerada debaixo dos seus principaes aspétos*. Coimbra: Livraria Portugueza e Estrangeira do Editor Manuel de Almeida Cabral, 1872, p. 101.

virgindade e honestidade da mulher para configuração de delitos. O artigo 292º do Código Penal de 1852, que só seria substituído em 1886, prescrevia:

> Aquelle, que estuprar mulher virgem, ou viuva honesta, maior de doze annos, e menor de dezesete annos, terá a pena de degredo temporario.
> Artigo 393º
> Aquelle, que, por meios fraudulentos de seducção, estuprar mulher virgem, ou viuva honesta, maior de dezesete annos, e menor de vinte e cinco annos, terá a pena de prisão correccional de um até tres annos.
> Artigo 394º
> Aquelle, que tiver copula illicita com uma mulher, posto que não seja menor, nem honesta, contra sua vontade, por meios de violencia, ou por meios fraudulentos, tendentes a suspender o uso dos sentidos, ou a tirar o conhecimento do crime, será degradado por toda a vida pelo crime de violação.
> § unico. Se a pessoa violada fôr menor de doze annos, será sempre applicada a mesma pena, posto que não se prove que concorreu nenhuma das circumstancias declaradas neste artigo.
> (PORTUGAL, 1852, Seção 2ª – Cap. IV – Tit. IV – Liv. II, p. 116-117).

Na prática, isto significava que a reputação e o prestígio social da vítima e, por extensão, de sua família eram analisados como um requisito fundamental para a garantia da proteção do sistema de justiça penal. Caso a ofendida não se encaixasse no padrão moral e, sobretudo social e financeiro dominante, ela estaria reivindicando direitos que, por lei, não eram seus, podendo inclusive ser convertida de vítima de estupro a ré condenada pelos delitos de ofensa e de difamação. Logo a filha de uma atriz amante do chefe da trupe e de um ator e ex-presidiário não teria boas chances no julgamento.

Esta situação com frequência rendia o constrangimento não só na apuração da violência e da resistência da vítima através de evidências físicas, mas também especulações públicas que iam desde referências ao prazer supostamente experimentado no momento do ato sexual forçado até afirmações de que a ofendida poderia ter provocado o agressor e /ou forjado o estupro. Diante de tantas estratégias de silenciamento, não é de espantar que as queixas decorrentes desse tipo de violência fossem diminutas.

Para Heitor, um bacharel em leis, não havia desonra sem voluntariedade, logo não haveria impedimentos reais para a sua união com Alda. A não ser a intransponível recusa da moça, que não quis manter o relacionamento por suspeitar estar grávida de seu agressor: “Alda pressentia, preadivinhara, com grande instincto, de mulher que esse crime de que ella fora victima teria consequências: como que sentia já dentro de si o fructo inconsciente e inocente d’essa vilissima traição (LOBATO, 1891, v. V, p. 218). Mesmo assim, Heitor não abandona a sua amada e se une ao comissário de polícia, usando todos os expedientes possíveis para encontrar o homem que tinha agido de maneira tão torpe.

Tal como com Príncipe Rodolphe de Gerolstein, o rapaz rico se disfarça de miserável e procura, no submundo da cidade, pistas sobre o criminoso e seus comparsas, para, quem sabe, poder vingar a pobre Alda. Com esta atitude, o protagonista do romance de Gervásio se coloca um passo à frente dos outros "super-homens" dos romances de folhetim. Ele não revela as injustiças do seu mundo, lutando para repará-las com atos de justiça. Pelo contrário: Heitor tenta subverter a ordem social com o casamento com uma "perdida", perfilhando um bastardo filho de outro homem, "um fruto do crime", como se seu fosse, o que não era nada comum.

O comissário segue a ouvir os envolvidos. Chega a vez da baronesa de Creixomil e do seu amante Gustavo falarem sobre o ocorrido. O casal estava aos beijos quando encontraram a jovem Alda desfalecida no Jardim do Palácio de Cristal incorrendo no crime de adultério.[105]

Então se inicia mais um longo flashback, para que o leitor conheça as circunstâncias que levaram a baronesa a estar naquele local e naquela posição. Inicialmente, o narrador descreve a beleza e a volúpia da "brasileirinha" encantadora:

> Deliciosamente morena d'esse moreno quente, sensual, que os poetas cantam e em que o sol ardente do Equador parecia ter posto todo o seu calor lascivo, e que não tem nada de comum com a côr morena peculiar ás meninas rachiticas e chloroticas das nossas cidades insalubres, uma côr doentia, esverdeada, que não passa d'um macilento pouco lavado, que vem da falta de alimentação, da falta de sangue, da falta de ar, e não raro da falta d'agua; com uns olhos enormes, negros, que pareciam ter guardado na retina todos os raios refungentes do sol equatorial, uns cabelos pretos, como plumagem do corvo, fartos , compridos e encrespados[...] uns lábios grossos, amplos, macios, fôfos colchões de beijos, vermelhos como a flôr do cactos, espirrando sangue como se n'esse momento tivessem sido rasgados a bisturi n'aquella carne fresca, para deixár ver o marfim deslumbrante dos seus dentes pequeninos, muito eguaes, muito afiados dentes de whistity, alta, elegante, bem feita, hombros largos, peitos salientes contornados em linhas de primorosa esculptura, ancas amplas que tinham ao andar essa ondulação cadenciada, afrodisíaca, que **é o grande segredo de certas raças** [...] (LOBATO, 1890, v. II, p. 126-127, grifo nosso).

Tal descrição está muito ligada à imagem da brasileira, presente no imaginário português de então. Nos textos literários, há vários exemplos de associações entre determinadas formas, cheiros, sabores e cores à mulher brasileira, resultando em uma imagem estereotipada e hipererotizada.

A representação da brasileira como uma mulher que é, ao mesmo tempo, sensualíssima, irresistível e amoral está presente no romance camiliano *Coração, Cabeça e Estômago*, publicado em 1862:

> Os dias corriam plácidos e felizes para nós, quando D. Martinha tomou uma criada, que era mulata.
> Mas que anjo das estuosas zonas onde a pele está calcinada, como devem está-lo as fibras do coração! Que mulata!, que inferno de devorante lascívia ela tinha nos olhos! Que tentação, que doidice me tomou de assalto apenas a vi em roda do meu

[105] Em Portugal o adultério só deixou de ser criminalizado em 1972.

> leito, fazendo a cama! O menor trejeito era uma provocação; o frêmito das saias era um choque da pilha galvânica! [...]
> Amei a mulata, com todo o ardor do meu sangue e dos meus vinte anos! [...] Quando a exorava, parece que os nervos me retorciam os músculos; e os músculos se contraíam em espasmos de luciferina delícia! Lembra-me que me ajoelhei a seus pés um dia, beijando-lhe as mãos, que perfumavam o aroma de cebola do refogado. [...]
> Perguntai às aves do céu, e às alimárias dos pedregais africanos, como se amam! [...]
> O meu amor tinha da ave a meiguice e do tigre a insaciável sofreguidão. [...]
> Ainda lhe não tinha dito que a filha do Brasil era extremamente engraçada, esperta e maliciosa. Aquelas poucas palavras bastam a defini-la. (CASTELO BRANCO, p. 27)

Contudo é um romance brasileiro contemporâneo aos *Mystérios do Porto* que talvez dialogue mais diretamente com o texto de Gervásio, apresentando exatamente o mesmo simbolismo sinestésico e multissensorial, é *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo[106]:

> No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjericão e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador (2005, p. 483).

> Naquela **mulata estava o grande mistério**, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele,
> assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras, embambecidas pela saudade de terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro da sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbam em tomo da Rita Baiana o espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca (2005, p. 499).

A representação da brasileira em geral e da mulata em particular também é metonimicamente relacionada ao clima do país. Estas mulheres são apresentadas como mais quentes, abrasadas pelo escaldante sol dos trópicos, sempre dispostas a realizar todo e qualquer desejo masculino. Tal visão, difundida desde o colonialismo e profundamente marcada pelo racismo e pelo sexismo, estigmatiza, inferioriza e marginaliza as mulheres brasileiras, atribuindo-lhes por vezes ainda hoje certas características culturais, comportamentais e físicas que determinariam a sua maior disponibilidade sexual, especialmente, em relação aos europeus.

---

[106] O caso de estupro, mote central dos *Mysterios do Porto*, de Gervásio, também foi o tema abordado por Aluísio de Azevedo em seu romance *Casa de Pensão* (1884*)*. O escritor brasileiro provavelmente construiu o seu enredo se inspirando em um crime verídico ocorrido no Rio de Janeiro, em 1876, cuja as investigações e o desfecho mobilizaram o Brasil: *A Questão Capistrano*. **Anexo B**.

Até mesmo as pretensas formas de caminhar cadenciada e a habilidade nata para a dança são traduzidas como um ardor típico de um corpo que não apenas sabe, mas gosta de ter e de dar prazer, e este seria o seu grande segredo, nas palavras de Gervásio, ou o seu grande mistério, como evidencia Aluísio.

Esta hipersexualidade, para os três autores, transtornaria e despertaria os desejos mais brutais nos homens. Os irresistíveis corpos dourados e ardentes das brasileiras eram ao mesmo tempo "açúcar gostoso" e "veneno", "sapoti mais doce que o mel" e "castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo".

Rafael Bordallo Pinheiro, em um relato das suas impressões sobre o Rio de Janeiro e os seus habitantes, publicado na revista brasileira *O Mosquito*, também não deixou de registrar a sua visão sobre as "explendidas" mulheres brasileiras. De acordo com as vestimentas usadas por cada uma delas, é possível perceber que a mulata foi retratada com um cariz muito mais sensual e exuberante do que as mulheres brancas:

Figura 105 – Mas, em compensação, que mulheres!!! Explendidas!!!

Fonte: Jornal *O Mosquito*, n. º 313, 11 de setembro de 1875, p. 3.

Alda, a portuguesa branca também foi descrita como um "delicioso corpo disponível", mas apenas enquanto estava inconsciente, e não por "vocação" como ocorre com a "morena brasileira". Entretanto, ainda que fosse descrita por elementos tão redutores, Marocas era rica, o que lhe garantiria, dentro daquele contexto social e econômico, o status de bom partido.

Sendo assim, causa estranheza tanto a outras personagens como ao narrador que ela tenha escolhido se casar com o deputado "Zé do Lixandre", o barão de Creixomil, um homem bem mais velho, de má reputação e que quase não conhecia, mas o mistério logo é resolvido:

> Casára por casar; casára porque o seu sangue ardente lhe pedia um marido na grande precocidade dos temperamenros das zonas equatoriais, casára para satisfazer as ambições de seu pae que queiria ser commendador, e que imaginara que o melhor caminho para a commenda era ter um genro deputado, casára, finalmente, para se ver livre d'esse seu pae, para sahir da casa onde quem dava ordens era um preto, o Thomaz, um pretalhão enorme, um hercules em ebano, [...] que fôra escravo de seu pae em Pernambuco, que elle libertára, quando partira para a Europa, logo depois da morte de sua mulher, a mãe de Marocas, – uma morte que para lhe fôra sempre inexplicável – e que elle o trouxera comsigo, que arvorara em administrador da sua casa, por quem tinha uma amisade que chegava ao fanatismo, e que era quem mandava na casa, quem punha e dispunha de tudo (LOBATO, 1890, v. II, p. 129).

Marocas não aceitava mais viver sob as ordens do "amigo" de seu pai, que desfrutava plenamente a posição de "dona da casa", o lugar de sua saudosa mãe. O pai, enriquecido com o tráfico de escravos e com negócios fraudulentos, também achava incômodas as queixas e o olhar de repreensão da filha. Então o casamento de Marocas era uma boa solução para ambos.

A relação marital claramente definida pelo narrador do pai da baronesa de Creixomil e do escravo liberto Thomaz traz à cena mais um relacionamento bastante controverso para época. Divergindo das Ordenações do Reino, a homossexualidade não era um crime previsto nos códigos penais oitocentistas, embora ainda fosse "reprimida em uníssono pela sociedade, pela Igreja e pela ciência".

Para o pensamento da época, o caso apresentado por Gervásio tinha mais um elemento agravante: a questão racial. Mas isso não significa que fosse um delírio de autor sensacionalista ou algum caso isolado. O historiador Luiz Mott, no seu artigo *Relações raciais entre homossexuais no Brasil Colônia*, enumera uma série de processos inquisitoriais em que um senhor de engenho é indiciado por "sodomizar" seus cativos. Entre tantos exemplos, consta a acusação contra Pero Garcia: "um senhor de um engenho em Peroaçu, no Recôncavo da Bahia, que aos 42 anos, embora casado, descobriu as delícias do amor homossexual: acusa-se que 'vencido pelo apetite da carne, cometera o pecado nefando de sodomia' com quatro parceiros: dois mulatos, moradores em sua casa, e com mais dois escravos" (1985, p. 109).

Essa mesma situação se repetia com os homens religiosos no Brasil. A historiadora Veronica de Jesus Gomes afirma que a maioria dos indivíduos que praticavam sodomia com clérigos se compunham de escravos, pajens e criados, o que corrobora "o ditado popular existente na sociedade portuguesa, que costumava dizer que, devido à tamanha utilização de seus serviços sexuais, não há galinha que não ponha ovos, nem criados que não fossem para cometer sodomia: este é o serviço que deles se queria" (2001, p. 125).

O relacionamento amoro do senhor com o seu escravo forro também evidencia afinidades temáticas entre o romance de Gervásio e os textos de outros escritores da época,

ainda que seu texto tenha sido publicado antes, como *O Barão de Lavos* (1891*)*, de Abel Botelho, que aborda um relacionamento erótico triangular entre um aristocrata lisboeta, sua esposa e um menino de rua; e *O Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, que narra a história de amor e de morte vivida por um escravo foragido e um jovenzinho militar branco.

A vida de Marocas ao lado do marido não era nada fácil. Experimentado nas "sciencias de devassidões d'amor", o barão queria aproveitar insaciavelmente todos os minutos da sua lua de mel com aquela menina "de ombros largos, peitos salientes e ancas amplas que tinham ao andar uma ondulação afrodisíaca" própria das filhas dos países do sol.

Toda a lasciva paixão do velho barão de Creixomil só causava aversão, nojo e tédio a Marocas.

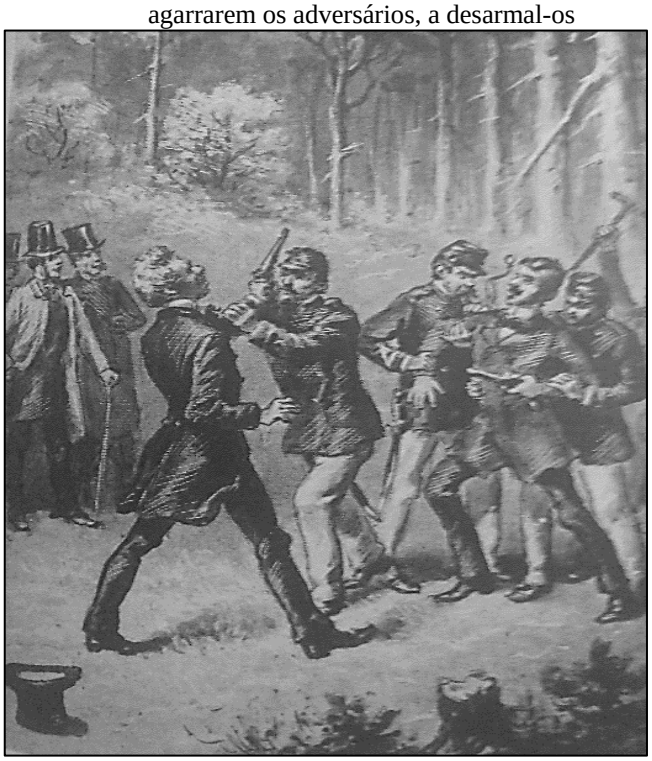
A baronesa esperava ansiosamente que o marido começasse a se sentir farto e voltasse à vida antiga de devasso de aldeia, o que não tardou a acontecer. Em poucas semanas o barão estava novamente absorvido pelas suas duas paixões dominantes, "as mulheres ordinárias e a politica não muito mais fina" (LOBATO, 1890, v. II, p. 146).

Jovem, bonita e abastada, a baronesa de Creixomil fazia bater mais forte os corações masculinos onde quer que passasse. Sem "ilusões românticas", resistia "a muitas declarações de amor, á corte persistente de todos os elegantes que frequentavam a sua soirée e comiam os seus jantares" (LOBATO, 1890, v. II, p. 147). Até que um dia, Marocas se deixou envolver pelo galante Gustavo Peixoto e, em um dos seus vários encontros furtivos, se viram na cena do crime.

O casamento burguês, retratado através do relacionamento deste par tão assimétrico, se traduz em dissabor para a esposa e rotina insípida para o marido. O barão tenta se evadir por intermédio da forma mais comum à época, as aventuras sexuais com jovens prostitutas, enquanto Marocas acaba por encontrar no adultério a sua saída furtiva.

Como todos tomam conhecimento do *affair* de Marocas, o marido se vê obrigado a tomar alguma atitude publicamente e desafia o amante da mulher a um confronto de honra. Embora, no seu íntimo, ele não se importasse nem um pouco com a traição, duelar era a melhor solução para que o nobre decadente e deputado medíocre pudesse continuar casado com Marocas, pois, ainda que o marido traído tivesse o direito de processar a adúltera penalmente, de expulsar a mulher de casa, de requerer e obter a dissolução do matrimônio, nada disto interessava ao barão que vivia às custas da rica baronesa.

Figura 106- ... e numerosos policias a surgirem no campo, como se tivessem sahido de alçapões, e a agarrarem os adversários, a desarmal-os



Fonte: LOBATO, 1890, v. I, p. 265.

Essa crítica contundente à instituição do matrimônio ecoa em toda a narrativa de várias formas. O capítulo intitulado *Gallinha e Bacalhau* é um exemplo chistoso disso. Nele é narrada uma historieta cômica na qual se contesta a monogamia afirmando que até o melhor dos pratos se consumido diariamente enjoa.

Tanto o marido traído quanto o amante recorreram, afinal, a vários subterfúgios para, no momento decisivo, invalidarem o duelo. Para retratar tal recuo, Gervásio lança mão da sátira social e da comédia de costumes:

> Dissemol-o já uma vez: não conhecemos quem melhor do que Gervasio aproveite na scena os costumes, os usos e os ridiculos da nossa sociedade, e tam pouco quem como elle, na urdidura de uma comedia, em que a critica esfusia viva e ás vezes quasi que em forma de carapuças, tanto concilie as conveniencias com o effeito, sem que emfim uma só vez alguem se melindrasse com o autor (CARVALHO, 1892. p. 01)

Mesmo que o fracasso do duelo garanta momentos de riso fácil ao leitor, a menção a esta forma mais civilizada de cometer um ato tão bárbaro aponta que, mesmo entre os homens do grupo dos mais favorecidos, a violência interpessoal, hábito cultural ancestral, ainda era uma forma socialmente aceitável de dirimir conflitos e/ou “lavar” a honra. Como o duelo não se realiza justamente pela vontade dos contendores, é possível inferir que, paulatinamente, tal

mecanismo masculino de legitimação social já estava perdendo muito de sua força, pelo menos entre os membros das elites esclarecidas e civilizadas.

A narrativa da vida da baronesa não foi útil para as investigações do comissário, mas através dela o narrador tece críticas sociais contundentes, sobretudo em relação aos negreiros, que enriqueciam vendendo gente "como carneiros" e voltavam a Portugal para comprar títulos de nobreza; aos políticos que se elegiam subornando os eleitores e não faziam nada de útil com os seus cargos e aos casamentos arranjados, que destinariam, muitas das vezes, os conjugues à infidelidade.

No mesmo período, algumas destas questões também foram amplamente discutidas pelo escritor Eça de Queirós, que, como já foi dito, era primo da mulher do autor[107] dos *Mistérios do Porto*. N'*Os Maias* (1888), os Monforte também sofrem a abjeção nutrida pelos liberais portugueses em relação àqueles que teriam enriquecido com a escravidão e o tráfico de escravos:

> Aqui havia uma treva na história do Monforte. Parece que servira algum tempo de feitor numa plantação da Virgínia... Enfim, quando reapareceu à face dos céus, comandava o brigue *Nova Linda*, e levava cargas de pretos para o Brasil, para a Havana e para a Nova Orleães.
> Escapara aos cruzeiros ingleses, arrancara uma fortuna da pele do africano, e agora rico, homem de bem, proprietário, ia ouvir a Corelli a São Carlos. Todavia esta terrível crônica, como dizia o Alencar, obscura e mal provada, claudicava aqui e além... (QUEIRÓS, 2014, p. 28).

Em se tratando de romances oitocentistas que abordam o adultério, *O Primo Basílio* (1878) é incontornável. Mas, embora compartilhem a mesma ociosidade, o mesmo tédio existencial e tenham igualmente se entregado a conquistadores cínicos, divergindo de Luísa que acaba pagando muito caro por sua aventura amorosa, a baronesa de Creixomil segue com sua vida mesmo após ter sido pega em flagrante. Marocas não era uma mocinha ingênua, e, talvez por isso, ao contrário da personagem criada por Eça, nunca tenha acreditado que o seu caso extraconjugal seria uma história de amor como aquelas contadas nos folhetins.

Fora o estupro, o adultério e a ameaça de duelo, o já atribulado comissário de polícia se viu compelido a investigar outros crimes que pareciam estar ligados ao "Crime do Palácio de Cristal". O corpo da única testemunha ocular da agressão sofrida por Alda é encontrado

---

[107] O parentesco com Gervásio parecia incomodar o escritor Eça de Queirós, que em carta a Ramalho Ortigão, assume ter boicotado a indicação do marido da prima como seu biógrafo que talvez fosse feito pelo editor Chradron: "Conhece Você, nos juncais do Porto um tigre por nome Chardron? Essa fera escreveu-me há tempos, dizendo *d'un ton paternel* que ia encomendar a minha biografia a um literato da capital. Fiquei azul de pavor. Vê Você, daí, Gervásio Lobato fazendo variações sobre o meu nascimento? Escrevi para os juncais do Porto, melifluamente, dizendo que seria inútil incomodar um génio, com um assunto tão *terre-à-terre*; que verdadeiramente havia só um homem que, com conhecimento, poderia escrever a minha história - e esse homem era... Como o sabia a Você seguro em Paris, citei-o a Você - porque tinha de citar um nome. O tigre reentrou na caverna. Eu respirei." (QUEIRÓS,1961, p.40).

pendurado em uma árvore, e uma jovem aparece, completamente nua, afirmando ter sido atacada durante a noite. David, a tal testemunha, que não havia prestado depoimento antes devido a sua posição desfavorável no momento do estupro, encontrava-se, também, trocando carícias com uma senhora casada. Depois, quando quis falar, foi lhe tomada a oportunidade. Algum integrante do tal bando, provavelmente, o teria surrado e enforcado.

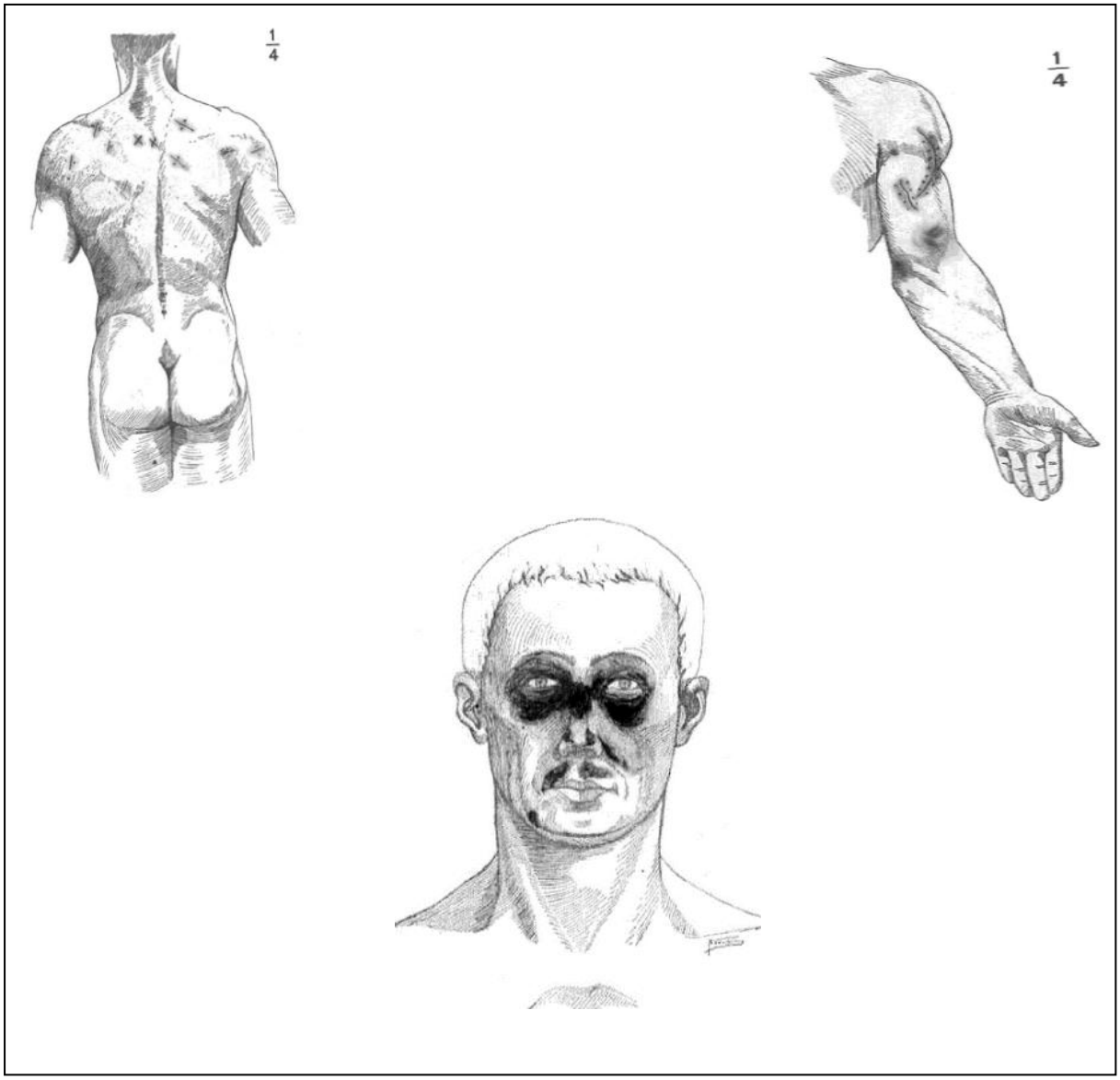
Além de ajudar a manter a ação e o suspense da trama, a descoberta do corpo do tal homem retrata a maneira com a qual eram realizados os procedimentos médicos nas investigações criminais. No tempo da diegese, não havia ainda uma categoria profissional distinta e especializada na perícia médica criminal. Então, segundo o narrador, qualquer um que fosse habilitado a exercer a medicina poderia ser chamado para esse "trabalho incommodo, massador e pouco remunerado" (LOBATO, 1890, v. II, p. 317).

Na verdade, a partir do último quartel do século XIX, devido a reivindicações da própria categoria, um estatuto próprio e uma capacitação específica à peritagem médico-legal foram implementados. Instalações foram destinadas apenas para este uso, e materiais específicos foram desenvolvidos e empregados para a realização de testes e exames mais detalhados, para que se pudesse, de fato, apurar e comprovar cientificamente o ocorrido.

Novos métodos e produtos químicos passam a ser empregados para a dissecação e conservação de cadáveres. Surgiam novos tipos de perícias, como a antropometria, a toxicologia, a datiloscopia, a grafotecnia e a odontologia forense. Manchas, resíduos e vestígios biológicos começam a ser recolhidos e analisados microscopicamente. O estudo de equimoses, contusões, fraturas, lacerações e perfurações começam a participar efetivamente da ciência de reconstituição do acontecido. Como um historiador, o médico-legista passava a buscar, nos corpos violentados, os ferimentos e as marcas que narravam a história do crime, muitas das vezes contradizendo, outras tantas comprovando, as palavras da vítima ou do agressor.

Antes mesmo do emprego recorrente da fotografia, as evidências encontradas no exame pericial se juntavam aos processos criminais através de relatórios médicos e descrições pormenorizadas, acompanhadas de esquemas pré-impressos, representando o corpo humano, nos quais se registravam as agressões encontradas. Segundo a historiadora Maria Lino Garnel, estes desenhos podiam retratar o corpo na sua totalidade, de frente, de costas ou de perfil, ou mostrar, apenas, uma parte do corpo. Curiosamente, os desenhos empregados pelos legistas portugueses "eram sempre imagens de corpos masculinos" (2007, p. 420), como mostram as figuras a seguir:

Figura 107 – Esquemas empregados para representar as agressões encontradas nos corpos das vítimas



Fonte: GARNEL, 2007, p. 407-407.

Os jornais revelavam todos os procedimentos e os resultados dos laudos cadavéricos e toxicológicos, sem deixar escapar nenhum pequeno detalhe. Os leitores maravilhados com aquele "admirável mundo novo". A ficção atendendo a demanda desse público acabou por absorver todo o vocabulário, o jargão técnico e até mesmo o estilo discursivo empregado nestes documentos médicos e jurídicos.

Já outra ocorrência investigada pelo comissário foi a de uma moça que havia chegado, recentemente, para aprender, com uma senhora, como se servia nas casas da alta sociedade portuense. Naquela noite, enquanto a aspirante a serviçal dormia, um homem invadiu o seu quarto com a intenção de seduzi-la. Ela reagiu e conseguiu fugir, mas a "inculcadeira de criadas" não deixou que ela levasse nem mesmo as suas roupas consigo.

Figura 108 – Uma mulher completamente nua sentada no degrau da porta

Fonte: LOBATO, 1890, v. II, p. 387.

O episódio serve de mote para que o narrador comente a exploração sexual em Portugal. O crime de lenocínio ou cafetinagem[108], segundo ele, era bastante comum, "acontecia no Porto todos os dias aos centos". Muitas das vezes, as raparigas vinham à "cidade grande" iludidas, acreditando que iriam trabalhar honestamente e melhorar de vida, mas acabavam em alguma casa de prostituição e registradas no *Livro Geral de Matrícula das Toleradas*.

O registro "profissional", na prática, significava mais uma violação para essas mulheres. No último quartel do século, a legislação e o discurso social disseminam a ideia de que elas eram ameaças à estabilidade social e à moral pública. O discurso e as normas pregam

[108] Artigo 405º
Se, para satisfazer os desejos deshonestos de outrem, o ascendente excitar, favorecer, ou facilitar a prostituição, ou corrupção de qualquer pessoa sua descendente, será condemnado a prisão de um a tres annos, e multa correspondente, ficando suspenso dos direitos políticos por doze annos.
§ 1.0 O marido, que commetter o mesmo crime a respeito de sua mulher, será condemnado no maximo do desterro, e multa de tres mezes a tres annos do seu rendimento, ficando suspenso dos direitos politicos por doze annos.
§ 2.º O tutor, ou qualquer outra pessoa encarregada da educação, ou direcção, ou guarda de qualquer menor de vinte e cinco annos, que commetter o mesmo crime a respeito desse menor, será punido com prisão de seis mezes a dois annos, e multa correspondente, e suspensão por doze annos do direito de ser tutor, ou membro de algum conselho de familia, e do de ensinar, ou dirigir, ou concorrer na direcção de qualquer estabelecimento de instrucção. (PORTUGAL, 1852, Seção 4ª – Cap. IV – Tit. IV – Liv. II, p. 119-120).

uma grande higienização, submetendo as prostitutas a rigorosos controles sanitários, visando evitar a propagação das doenças venéreas. A regulamentação não era pensada para defender quaisquer direitos a quem se prostituía, mas para garantir a saúde e o bom nome dos seus clientes. “As prostitutas interpretavam claramente o exame com o espéculo como um acto humilhante de voyeur que infligia dor física e mental às mulheres já sofredoras” (WALKOWITZ, 1991, p. 412).

O narrador afirma ainda que a maioria dessas histórias nem eram denunciadas, se “harmonisavam a contento de todos”, geralmente com pagamento de indenizações às famílias. Já os poucos casos que chegavam a ser levados ao conhecimento das autoridades, não se constituíam em processos, ora porque os ofendidos retiravam as suas queixas, ora porque “a politica mettia-se na questão, para não comprometter os altos figurões que do ordinário representavam o papel de tyranno n'essas, tragédias da alcova” (LOBATO, 1890, v. III, p. 21).

O cientista social José Machado Pais (1985, p. 947) confirma que as alcoviteiras do século XIX acumulavam as funções de “entregar” mulheres aos seus clientes e de oferecer as suas casas como alcouce. As próprias “engatadeiras” recrutavam jovens muito pobres com promessas de trabalho digno ou dinheiro fácil:

> Com efeito, e muito embora as donas de casa dos meados do século xix se servissem das chamadas inculcadeiras ou engatadeiras, elas próprias desempenhavam, normalmente, a função de recrutamento, e por isso se designavam também como alcoviteiras. Com o virar do século surgem as engatadeiras a tempo integral, passando a actuar como verdadeiros agentes de tráfico conhecedores dos mais ardilosos segredos de marketing. Nas chegadasdos comboios à capital ou na província, para melhor poderem actuar, até se apresentam, sofisticadamente, trajadas de irmãs da caridade ou com uniformes de enfermeira. Às pequenas que andam na venda de peixe e de fruta são feitas propostas com mobilizadores atractivos pecuniários.

O comissário achava que estava cada vez mais próximo da verdade, mas a falta de recursos o deixava de mãos atadas. Quase ninguém se importava com a sorte da filha de “um valdevinos, um saltimbanco, um comico qualquer, sem importancia alguma e de quem não havia nada a temer” (LOBATO, 1891, v. V, p. 107). Como se os indivíduos que não desfrutassem do prestígio e do respeito “da gente de bem” estivessem ainda mais suscetíveis à violência justamente por isso, e “a letra da lei” garantia mesmo essa diferenciação. A opinião pública parecia pensar que aqueles sofrimentos e dores eram quase um castigo merecido: “– Qual crime! Uma patuscada, uma brincadeira com uma rapariga, mas esses patetas dos jornaes, como não teem que pôr nas gazetas, em apanhando alguma noticiasinha tratam logo de a estender o mais que podem e de fazer bulha com ella...” (LOBATO, 1891, v. V, p. 105).

A filha do ator tinha um protetor incansável. Se durante o dia Heitor, o "rei da moda", desfilava pela cidade com o seu "dog-cart", sempre acompanhado da sua namorada "de fachada", na verdade uma atriz, ao pôr do sol, disfarçado de "magarefe" e com a ajuda de Passinhos, fazia as suas descobertas.

Após alguns meses, ele encontrou uma "alcouceira" fora do comum no Porto, a misteriosa Julieta. A tal mulher andava vestida de homem, galopando, à noite, com seu cavalo, voltando para casa, sempre com alguma moça desmaiada na garupa. Depois de tentar seduzir algumas jovens da cidade, inclusive a italiana de Heitor com quem fugiria mais adiante, foi alcunhada de "D. Juan de novo sexo":

> [...] adorador, que durante toda a noite lhe estivera a fazer tão vehementes declarações d'amor, e era uma mulher!
> O assombro da italiana foi enorme!
> Era a primeira vez que na sua vida se encontrava n'uma situação d'aquellas! (LOBATO, 1890, v. III, p. 326).

Para preparar o leitor, o narrador cita alguns escritores, como René Maizeroy[109] e Jean-Louis Dubut Laforest[110], que, segundo ele, fizeram muito sucesso produzindo "uma litteratura decadente e erótica", sobre "paixões viciosas e doentias". (LOBATO, 1890, v. III, p. 325-326). Aparentemente, divergindo do comentário feito em relação ao tema das obras dos autores citados, n'*Os Mistérios do Porto*, não há, por parte do narrador, descrições e nem menções que relacionem a homossexualidade a um comportamento imoral ou degenerado.

Heitor cria situações para encontrar a tal Julieta e, granjeando a sua confiança, conseguir entrar em sua misteriosa casa. Ao realizar com êxito o seu plano, o jovem paladino acaba por ouvir toda a triste história de vida da obscura mulher. Órfã e pobre, ainda muito criança, ela teria sido violada por um merceeiro, que sempre lhe oferecia agrados: "aconteceu-me uma catastrophe, fizeram-me uma d'essas infamias ignobeis, que me ensinaram logo desde pequenina a conhecer a cobardia e a vilesa dos homens" (LOBATO, 1890, v. IV, p. 157).

E essa não seria a sua última grande decepção com o "sexo forte". Após o ocorrido, a menina foi levada pela madrinha para o "Asylo das raparigas abandonadas", onde permaneceu até os 15 anos. Ao sair do asilo, foi morar com a sua protetora, que se encontrava muito doente.

---

[109] René Maizeroy era o pseudônimo do Barão René Jean Toussaint. Seu romance *Les Parisiennes: Deux amies* foi um grande sucesso de vendas, mas lhe valeu uma multa de mil francos para obscenidade.

[110] Jean-Louis Dubut de Laforest, escritor francês que publicou muitos livros sobre temas considerados ousados para a época. Na ocasião da publicação de *La Gaga*, em 1885, foi processado e condenado por obscenidade.

Devido às circunstâncias, as duas recebiam constantes visitas de um jovem e bondoso médico, por quem Julieta se apaixonou. Quando a idosa senhora faleceu, o casal enamorado marca casamento. Ao descobrir que a noiva não era mais virgem, o rapaz, irado, desiste da união sem que ela pudesse proferir uma palavra sequer.

A postura do médico e do pai de Alda, em evidente contraponto com o comportamento de Heitor, mostram como era comum o abandono de mulheres, que ocorria por conta do machismo, de injustos tabus sociais ou, simplesmente, do desinteresse do parceiro, que enfastiado trocava de parceira.

Para *eles*, quase sempre, era possível voltar atrás, mas para *elas*, um relacionamento desfeito podia ser um duro golpe. Até as destemidas e fortes mulheres do povo, que enfrentavam todos os dias as mais variadas adversidades para sobreviver, sucumbiam diante do desolador adeus do amado, que não só deixava saudades, mas também o estigma de mulher "largada pelo marido" ou, para as solteiras, a infâmia de ser reconhecida como um corpo usado e desonesto, sem valor e sem serventia.

Mesmo as vítimas de estupro sofriam com a desonra da perda da virgindade. Sozinhas e sem oportunidades de sobrevivência material, muitas acabaram, de fato, engrossando as fileiras da prostituição:

> Essa foi a segunda catastrophe da minha vida, que foi resultante da primeira, e ao mesmo tempo origem de todas as outras que se lhe seguiram n'um encadeamento monstruoso, que tem constituido toda a minha vida, e que fizeram de mim a mulher que hoje sou (LOBATO, 1890, v. IV, p. 184).

A homossexualidade, bem vemos, aparece então como uma reação à brutalidade masculina. A mulher agredida e desamparada, por medo e aversão aos homens, decide assim amar outras mulheres, cúmplices no mesmo sofrimento.

Segundo o historiador Paulo Drumond Braga, "de facto, no século XIX e no primeiro quartel do século XX, foi usual considerar-se que as prostitutas eram dadas ao lesbianismo" (2010, p. 1198). A prostituta homossexual, de tão frequente na vida real, acabou por se tornar um cliché na literatura da época[111]. Muito atentos aos vários aspectos da turbulenta vivência urbana, os escritores não poderiam deixar de retratá-las. A Julieta de Gervásio Lobato é uma delas:

[111] Encontramos vários exemplos na poesia de Baudelaire, em *Nana*, de Zola, no Livro d'Alda, de Abel Botelho e n'*O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo.

Figura 109 – Imagem de Prostitutas, Coleção Sirot Angel

Fonte: DUBY; PERROT, 1991, p. 402.

Após relatar a sua triste história de vida, Julieta confessa a participação nos misteriosos crimes que assolavam a cidade: havia atraído e drogado a pobre Alda, para que um importante comendador realizasse as suas fantasias; com a ajuda de seus comparsas, tinha silenciado David, o homem que testemunhara o estupro; e era ela a dona do bordel que aliciava meninas pobres para o deleite dos poderosos do lugar.

Por mais fantasioso que possa parecer, o caso do "D. Juan do novo sexo" teria sido inspirado na história verídica de uma famosa ~~tolerada~~ mulher do Porto oitocentista, Henriqueta Emília da Conceição. Gervásio teria se apropriado de todos pormenores espantosos da biografia desta mulher para incrementar o seu enredo. Registros e documentos históricos comprovam os pontos em comum entre a realidade e a ficção.

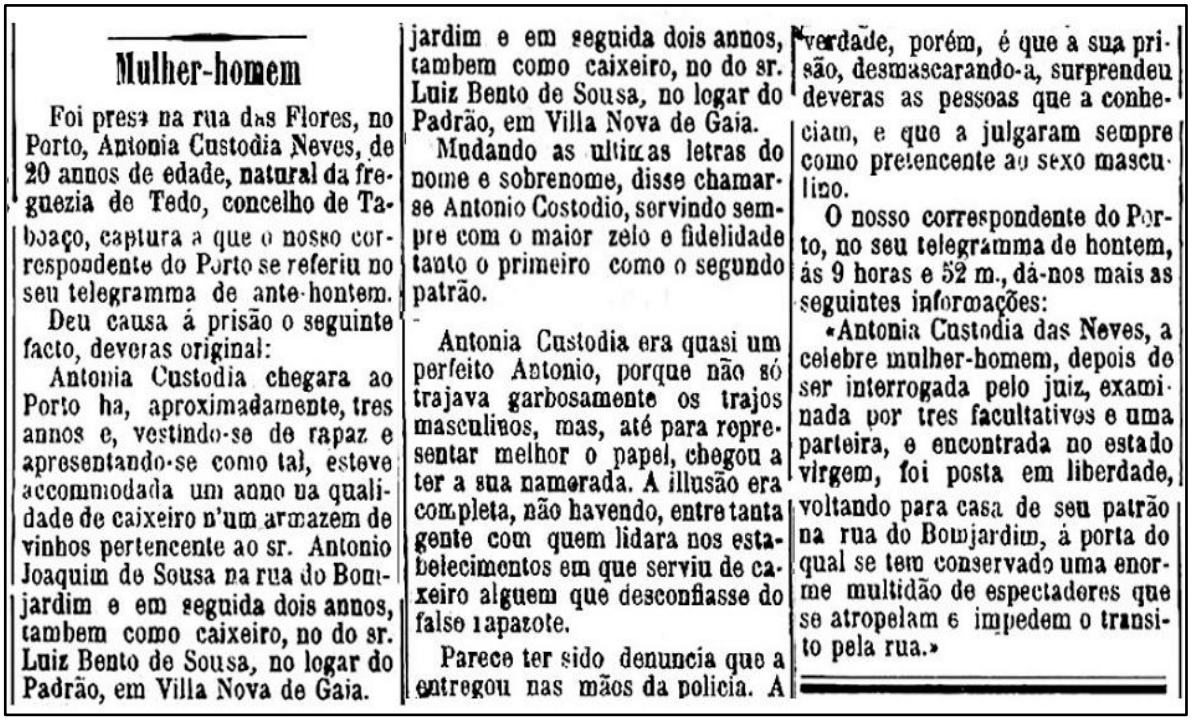
Como Julieta, Henriqueta ficou órfã aos sete anos e, naquela idade, ela foi vítima de abusos sexuais. A moça também cresceu em um recolhimento, do qual saiu oito anos depois,

para viver com uma parenta. Esta, diferente da tia da personagem, era dona de um bordel, onde Henriqueta fez fama e fortuna.

Anos depois, a cortesã, sem rivais a sua altura, igualmente levava uma vida extravagante e tinha como uma de suas peculiaridades o fato de se apresentar, nos lugares mais seletos, vestida de homem e a fumar charuto. Já por isto, ela poderia ser considerada "fora-da-lei".

Ademais, muitas mulheres do Portugal daqueles idos foram capturadas e encarceradas, simplesmente, por usarem roupas masculinas e agirem como se fossem homens. Os jornais da época estão repletos de notícias sobre estes episódios. Tais mulheres, é claro, não eram abastadas como Henriqueta.

Figura 110 – Notícia sobre a Mulher-homem



Mulher-homem

Foi presa na rua das Flores, no Porto, Antonia Custodia Neves, de 20 annos de edade, natural da freguezia de Tedo, concelho de Taboaço, captura a que o nosso correspondente do Porto se referiu no seu telegramma de ante-hontem.

Deu causa á prisão o seguinte facto, deveras original:

Antonia Custodia chegara ao Porto ha, aproximadamente, tres annos e, vestindo-se de rapaz e apresentando-se como tal, esteve accommodada um anno na qualidade de caixeiro n'um armazem de vinhos pertencente ao sr. Antonio Joaquim de Sousa na rua do Bomjardim e em seguida dois annos, tambem como caixeiro, no do sr. Luiz Bento de Sousa, no logar do Padrão, em Villa Nova de Gaia.

jardim e em seguida dois annos, tambem como caixeiro, no do sr. Luiz Bento de Sousa, no logar do Padrão, em Villa Nova de Gaia.

Mudando as ultimas letras do nome e sobrenome, disse chamar-se Antonio Costodio, servindo sempre com o maior zelo e fidelidade tanto o primeiro como o segundo patrão.

Antonia Custodia era quasi um perfeito Antonio, porque não só trajava garbosamente os trajos masculinos, mas, até para representar melhor o papel, chegou a ter a sua namorada. A illusão era completa, não havendo, entre tanta gente com quem lidara nos estabelecimentos em que serviu de caxeiro alguem que desconfiasse do falso rapazote.

Parece ter sido denuncia que a entregou nas mãos da policia. A verdade, porém, é que a sua prisão, desmascarando-a, surprendeu deveras as pessoas que a conheciam, e que a julgaram sempre como pertencente ao sexo masculino.

O nosso correspondente do Porto, no seu telegramma de hontem, ás 9 horas e 52 m., dá-nos mais as seguintes informações:

«Antonia Custodia das Neves, a celebre mulher-homem, depois de ser interrogada pelo juiz, examinada por tres facultativos e uma parteira, e encontrada no estado virgem, foi posta em liberdade, voltando para casa de seu patrão na rua do Bomjardim, á porta do qual se tem conservado uma enorme multidão de espectadores que se atropelam e impedem o transito pela rua.»

Fonte: Jornal *Diario Illustrado*, n.2111, 08 de março de 1889, p. 1.

Por ser remediada Henriqueta podia sair pelas ruas da movimentada cidade e passear, sem ser incomodada, durante o dia, de charrete conduzida por chofer, já à noite montada no seu elegante cavalo. Trajada como uma mulher ou como um homem frequentava, com muita assiduidade, as mais sórdidas tabernas do Porto, onde, fraternalmente, confraternizava com vadios e larápios, que eram seus cúmplices em assaltos e falcatruas, para logo a seguir se dirigir a um grande hotel, pagando muito bem para conviver com o que de melhor havia na sociedade portuense.

Figura 111 – Litogravura de Henriqueta

Fonte: DUARTE JUNIOR, 1877, p. 02.

O que mais teria transtornado esta mulher incomum seria “a sua profunda e estranha amizade por uma rapariga franzina”, candidamente chamada de Teresinha de Jesus. A tal jovenzinha não tardou a morrer de tuberculose, no Hospital da Ordem do Terço e Caridade. No Cemitério do Prado de Repouso, Henriqueta mandou construir um mausoléu com uma estátua de São Francisco em mármore italiano que se transformou em uma "homenagem ao amor entre duas mulheres". Hoje tem duas placas que avisam "é proibido colocar cera" e “que o santo é milagroso".

Figura 112 – Fotografia do Cemitério do Prado do Repouso

Fonte: Acervo do autor, 2016.

Na hora de se despedir e de fechar o esquife da amada, Henriqueta, alegando querer ter maior privacidade, pediu aos empregados para ficar a sós com o corpo de Teresa. Mas, naquele momento, a cortesã teria aproveitado, com uma navalha de barba, teria cortado a cabeça do desmedrado cadáver, embrulhando-a em um lenço e escondendo-a em um saco que levou consigo para a casa.

Figura 113 – Notícia sobre um cadáver profanado

Cadaver profanado. Haverá cerca de 2 annos que morreu no hospital da irmandade do Terço uma infeliz de nome Thereza Maria. Foi sepultada no cemiterio do Repouso.

Thereza Maria antes de se recolher ao hospital do Terço vivia em companhia d'uma tal Henriqueta Emilia da Conceição e Sousa.

Não sabemos quando, mas é certo que esta Henriqueta querendo possuir a parte mais importante do despojo mortal de Thereza foi ao cemiterio e obteve separar-lhe a cabeça do tronco e leval-a para sua casa a bom recato.

Constou ultimamente na administração do bairro oriental que em casa da tal Henriqueta, moradora no largo da Trindade, existia uma caveira guardada com toda a veneração.

O snr. administrador do referido bairro mandou hontem de manhã dar uma busca em casa de Henriqueta Emilia, pelo official de deligencias Antonio Salgado, e pelo chefe de secção Manoel Leite.

Effectivamente appareceu alli uma caixa de madeira envernizada, em fórma de oratorio, com um vidro na frente, e dentro achava se envolvida em tecidos de renda a caveira indicada.

Feita a apprehensão do que ahi fica dito, foi Henriqueta Emilia presa e conduzida á presença do snr. administrador respectivo que a sujeitou a previo interrogatorio.

Henriqueta declarou ter obtido a cabeça de sua defunta amiga, mediante uma gratificação de 1$300 reis, dada a um empregado do já citado cemiterio Que para pôr a caveira no estado em que actualmente se acha a cosera em agua a ferver.

Henriqueta Emilia foi remettida com o despojo mortal para a policia criminal do 1.° districto.

Fonte: *Jornal do Porto*, n.54, 09 de março de 1869, p. 2.

Em março de 1869, Henriqueta foi denunciada por manter em uma cômoda da sala, junto a uma lamparina de azeite, um macabro sacrário, constituído por "uma caixa de madeira envernizada, em fórma de oratorio, com um vidro na frente", onde se achava envolvido em tecidos de renda o crâneo de Tereza. A busca teria comprovado aquilo que o avolumado falatório da cidade do Porto dizia. Henriqueta, estando em causa o crime de profanação de cadáver, foi detida e encaminhada para o juízo criminal do 1.º distrito.

Em todos os periódicos portuenses a notícia sensacionalista fez a manchete nos números que iam daquela semana até ao final do mês. Os jornalistas o revelaram com todos os pormenores sórdidos e as possíveis razões do sucedido, mas só um explorou abertamente a dimensão íntima entre as duas mulheres. *O Braz Tisana* do dia 10 de abril de 1869 trazia uma nota com estes dizeres:

> Existe n'esta cidade uma bem conhecida rameira, chamada Henriqueta, exquisita em todo o seu viver; ha mezes, que tinha engajado para a sua companhia uma outra rapariga de quem se mostrava intima amiga, trazendo-a com todo o aceio, esmerando-se em fazer-lhe todas as vontades. Esta rapariga morreu; sendo-lhe por aquella feito um bom enterro.

Contrariando as expectativas, a opinião pública considerou que a degolação do cadáver era uma prova da paixão irremediável sentida pela ré e achou por bem que ela fosse

liberada. Segundo relatos da época, Henriqueta teria contado com a conivência de homens importantes e influentes, que desejavam mantê-la calada. A cortesã foi mesmo libertada da prisão, mas nunca mais se livrou do peso da ausência da sua amada Teresinha.

Em 1877, o escritor A. J. Duarte Júnior foi o primeiro a escrever um romance baseado na história da cortesã, dando à obra o título *Henriqueta ou uma heroína do século XIX*. Dois anos depois, foi a vez de António Garraio também usar o mesmo mote para produzir o seu drama teatral *Henriqueta: A Aventureira*. Sendo o último dos oitocentos a empregar esta mesma matriz, Gervásio Lobato põe em cena os dramas desta célebre prostituta portuense em *Os Mistérios do Porto.*

Observe-se que a exumação do corpo da amada, tão frequente na literatura *noir* oitocentista, era sempre realizada por personagens masculinos. A história de Henriqueta marca essa inversão de papeis também na literatura. No romance de Gervásio, este famoso "caso de sensações" não é contado apenas com palavras. As gravuras do cenógrafo e desenhista Manuel de Macedo oferecem ao leitor, a partir de uma narrativa gráfica, uma interpretação própria dos episódios e a visão do artista sobre aquela mulher:

Figura 114 – ... passando vertiginosamente diante dos olhos d'elles como cavaleiro de balada medieval

Fonte: LOBATO, 1890, v. III, p. 386.

Figura 115 – Fujamos! Fujamos! disse Julieta

Fonte: LOBATO, 1891, v. V, p. 376.

Gervásio também não foi muito fiel aos dados biográficos de Henriqueta. Ao "transformá-la" em Julieta, a cafetina delinquente do romance, o escritor também faz uma releitura dos fatos, tornando-a vítima e depois cúmplice do homem que um dia ela amou. Assim, a história de vida da cortesã apaixonada se mistura com a de um outro criminoso incomum que "assolou" o Porto e Rio de Janeiro no final do século, o grande médico e envenenador Urbino de Freitas.

O dr. Jubim que é o responsável pelo preparo dos rebuçados e das beberagens narcotizadas para entorpecer as moças e assassinar outras personagens d'*Os Mistérios do Porto* teria sido criado à imagem e semelhança do dr. Vicente Urbino de Freitas. O aluno brilhante da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, formado com distinção e logo aprovado como lente da cadeira de Fisiologia da instituição que o formou, por pura ambição financeira, teria envenenado o cunhado e os sobrinhos visando desfrutar a herança da distinta e rica família da mulher.

Durante meses, o chamado "Crime do Porto" ganhou destaque na primeira página de vários jornais. Tal cobertura incluía a principal seção da revista *O Occidente*, escrita por Gervásio Lobato:

Figura 116 – *Chronica Occidental* abordando o “Crime do Porto”

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

21 DE ABRIL DE 1890

CHRONICA OCCIDENTAL

O GENERAL DE CAPRIVI

Este crime tão extraordinario, tão hediondo, revestido de todas as circumstancias mais aggravantes e mais asquerosas, em que a mais dedicada boa vontade não pode encontrar a mais ligeira atenuante, causou, como não podia deixar de ser, profunda sensação em todo o paiz, principalmente em Lisboa e Porto, e todos os jornaes se tem n'estes ultimos dias referido a elle largamente, contando em extensas noticias todos os pormenores que vão sabendo, todas as peripecias que se vão dando.

Fonte: Revista *O Occidente*, n. 408, 21 de abril de 1980, p. 1.

Figura 117 – Notícia em primeira página do “Crime do Porto”

DIARIO ILLUSTRADO

Quinta feira 17 de abril de 1890

Numero 6:120

O CRIME DO PORTO

JOSÉ ANTONIO DE PAMPLIEGA JUNIOR

MISS LUTHER MARTER

Fonte: Jornal *Diario Illustrado*, n. 6120, p. 17 de abril 1890, p. 1.

O caso policial envolvendo, como réu, o renomado médico, que tinha feito importantes descobertas sobre a profilaxia da hanseníase, foi instaurado, considerando apenas o homicídio por envenenamento "cometido na pessoa do menor Mário Guilherme Augusto Sampaio", o sobrinho da esposa de Urbino. A morte do menino, dos três casos de suspeita de envenenamento, foi a única a ter a causa realmente comprovada por laudos cadavéricos e toxicológicos.

Em 1893, Urbino foi preso, julgado e considerado culpado, e o Tribunal da Relação do Porto, por acórdão de 3 de fevereiro de 1894, fixou pesadas penas, envolvendo muitos anos de prisão e décadas de degredo na África.

Camilo Castelo Branco amigo indefectível do irmão do dr. Urbino de Freitas, o editor José António Freitas Fortuna, escreveu uma carta piedosa para mais um criminoso português:

> Ainda tenho na mina alma despedaçada lagrimas para o seu enorme infortúnio. Ao sahir deste horrendissimo mundo deixo-lhe duas palavras – coragem e esperança.
> Que a justiça humana recebe da justiça divina um raio de luz que chegue ao seu abysmo. Adeus, meu desgraçado amigo.
> (2002, p. 1121).

Camilo sentia-se tão próximo à família de Urbino que, ao "começar a sentir um afecto posthumo ao [seu] cadaver" (2002, p. 1120), solicitou ao amigo o próprio sepultamento no jazigo dos Freitas. Fortuna de Freitas aceitou a tarefa que lhe fora incumbida, alegrando o escritor que então lhe escreveu:

> Não sei se esta chimera, que vagueia na região tenebrosa e na crypta dos mortos amados e chorados, foi a despertadora vontade que me domina há anno e meio de ser enterrado no se jazigo.
> O meu querido Freitas acceitou com ternura fraternal a oferta do meu cadáver, e d'essa arte, permmitindo que eu fizesse parte da sua familia extinta, quiz continuar além da vida a tarefa sacratissima da sua dedicaçao incomparavel. Bem baja e adeus.
> (2002, p. 1121).

Por envolver nomes conhecidos e pessoas abastadas, o processo rodeado de grande polêmica se transformou, na altura, em uma das causas médico-legais mais conhecidas da Europa. Vários especialistas portugueses e peritos estrangeiros debateram as provas e a análise das autópsias, sem que chegassem a conclusões definitivas e unânimes sobre as substâncias tóxicas empregadas. A defesa, certamente instruída por Urbino, fez de tudo para inutilizar ou desacreditar as evidências toxicológicas apuradas na autópsia do menino e na exumação de seu pai.

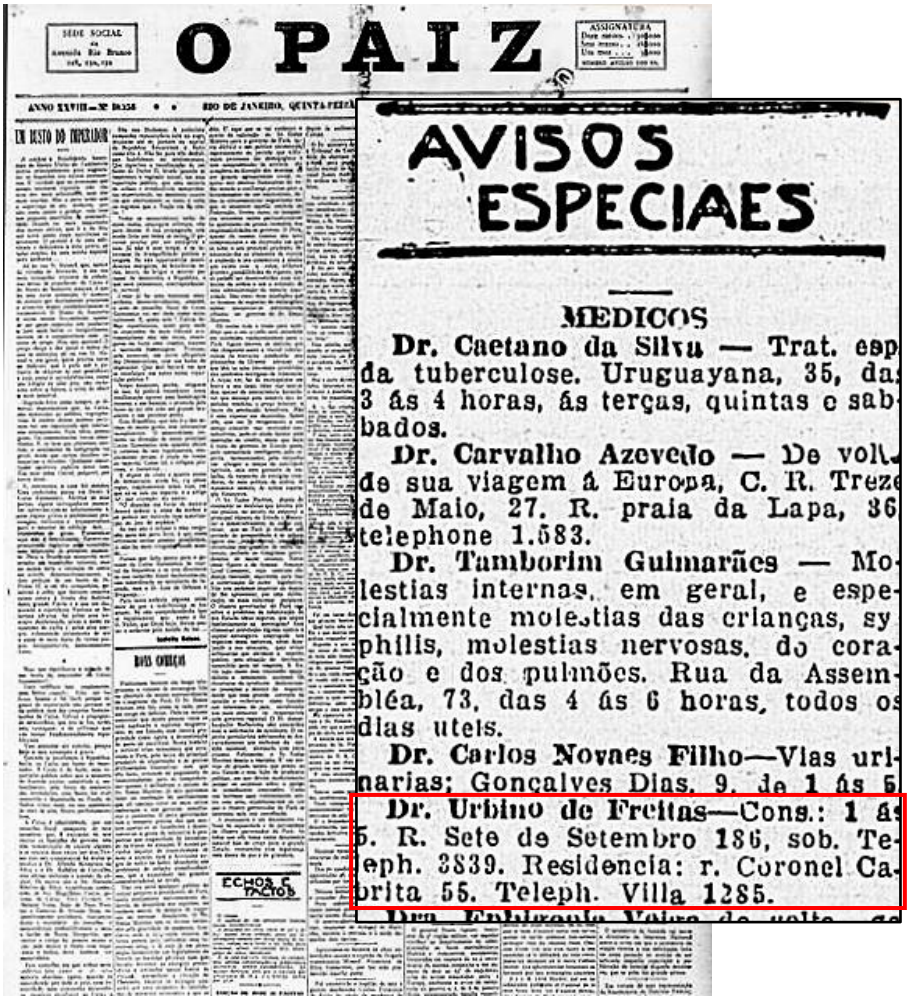
O acusado acabou sendo degredado para Angola. Mas, graças a um indulto régio, publicado em 16 de maio de 1905, foi-lhe conferido o direito de deixar a África, e o condenado acabou se mudando para o Brasil. Esta decisão acabou causando muita

repercussão negativa na imprensa brasileira, que discutiu os malefícios e os benefícios da presença do médico que, simultaneamente, era perverso e brilhante em solo pátrio.

Muito se escreveu sobre a biografia do dr. Urbino de Freitas, mas, para além dos registros em periódicos, quase não há menções ou documentos que esclareçam os detalhes da passagem do médico pelo Brasil, embora ele tenha permanecido e clinicado no Rio de Janeiro por quase dez anos.

Autoridades brasileiras, como o médico sanitarista Oswaldo Cruz, no intuito de garantir que o médico assassino não se fixasse no Brasil, tentaram cassar a sua licença e o processar por exercício ilegal da profissão, o que garantiria a sua deportação. Contudo o médico, munido de 67 contos de réis, referentes à herança de sua mulher e tendo amigos e conhecidos influentes, como o cônsul geral de Portugal no Rio de Janeiro, Fernão Boto Machado, e o senador Rui Barbosa, prosseguiu com a sua carreira médica, sem ter muitos aborrecimentos, como as notícias de jornais revelam:

Figura 118 – Divulgação de consultórios médicos


O PAIZ

AVISOS ESPECIAES

MEDICOS

Dr. Caetano da Silva — Trat. esp da tuberculose. Uruguayana, 35, da 3 ás 4 horas, ás terças, quintas e sab bados.

Dr. Carvalho Azevedo — De volt de sua viagem á Europa, C. R. Treze de Maio, 27. R. praia da Lapa, 36 telephone 1.583.

Dr. Tamborim Guimarães — Molestias internas, em geral, e especialmente molestias das crianças, sy philis, molestias nervosas, do coração e dos pulmões. Rua da Assembléa, 73, das 4 ás 6 horas, todos os dias uteis.

Dr. Carlos Novaes Filho—Vias urinarias: Gonçalves Dias, 9, de 1 ás 5.

Dr. Urbino de Freitas—Cons.: 1 ás 5. R. Sete de Setembro 186, sob. Teeph. 3839. Residencia: r. Coronel Cabrita 55. Teleph. Villa 1285.

Fonte: Jornal *O Paiz*, n. 10.355, 12 de fevereiro de 1913, p. 10.

Figura 119 – Nota de agradecimento ao illustre scientista Dr. Urbino de Freitas

GAZETA DE NOTICIAS

Agradecimento

Achando-me restabelecido do violento ataque de rheumatismo gottoso que me invalidou durante vinte e dous dias, cumpro um grato dever em patentear publicamente o meu profundo reconhecimento para com o illustre scientista Dr. Urbino de Freitas. Foi grande a alta proficiencia do seu saber, mas não foi menor a dedicação e desinteresse, o desvello, a affectividade do seu coração em debellar a doença rebelde.

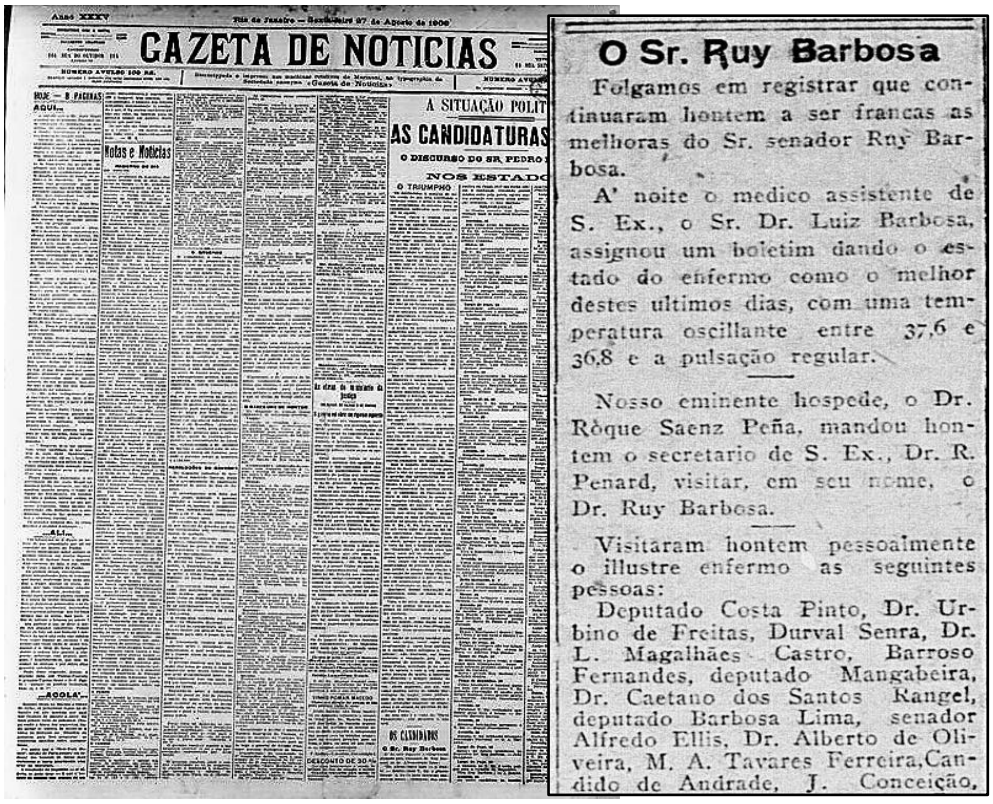
Não tive á minha cabeceira apenas o medico consagrado, tive o amigo estremoso. Tal abnegação, tal humanidade calaram tão fundo na minha alma que não hesito em offender á sua modestia para lhe exprimir aqui os protestos effusivos da minha inolvidavel gratidão.

Aos bons amigos, aos meus collegas que se interessaram pelo meu estado, todo o meu reconhecimento.

O actor José Ricardo.

Fonte: Jornal *Gazeta de Noticias*, n.162, 11 de junho de 1910, p. 6.

Figura 120 – Notícia sobre o estado de saúde do Sr. Ruy Barbosa



GAZETA DE NOTICIAS

O Sr. Ruy Barbosa

Folgamos em registrar que continuaram hontem a ser francas as melhoras do Sr. senador Ruy Barbosa.

A' noite o medico assistente de S. Ex., o Sr. Dr. Luiz Barbosa, assignou um boletim dando o estado do enfermo como o melhor destes ultimos dias, com uma temperatura oscillante entre 37,6 e 36,8 e a pulsação regular.

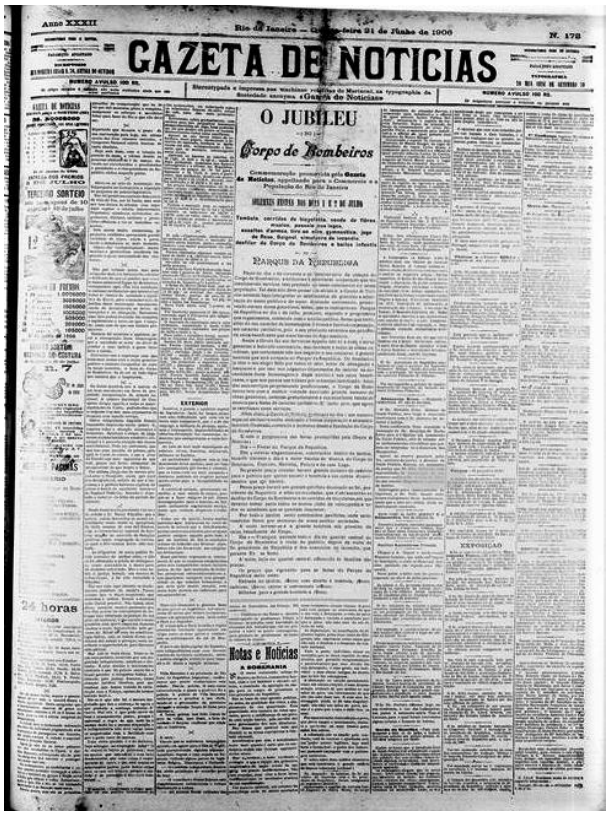
Nosso eminente hospede, o Dr. Rôque Saenz Peña, mandou hontem o secretario de S. Ex., Dr. R. Penard, visitar, em seu nome, o Dr. Ruy Barbosa.

Visitaram hontem pessoalmente o illustre enfermo as seguintes pessoas:

Deputado Costa Pinto, Dr. Urbino de Freitas, Durval Senra, Dr. L. Magalhães Castro, Barroso Fernandes, deputado Mangabeira, Dr. Caetano dos Santos Rangel, deputado Barbosa Lima, senador Alfredo Ellis, Dr. Alberto de Oliveira, M. A. Tavares Ferreira, Candido de Andrade, J. Conceição,

Fonte: Jornal *Gazeta de Noticias*, n.233, 21 de agosto de 1910, p. 6.

Figura 121 – Notícia sobre a conferência do Dr. Oswaldo Cruz com o Sr. Ministro de interior e justiça


GAZETA DE NOTICIAS

O JUBILEU

Corpo de Bombeiros

Notas e Noticias

O Dr. Oswaldo Cruz, director da Saude Publica, teve longa e reservada conferencia com o Sr. ministro do interior e justiça.

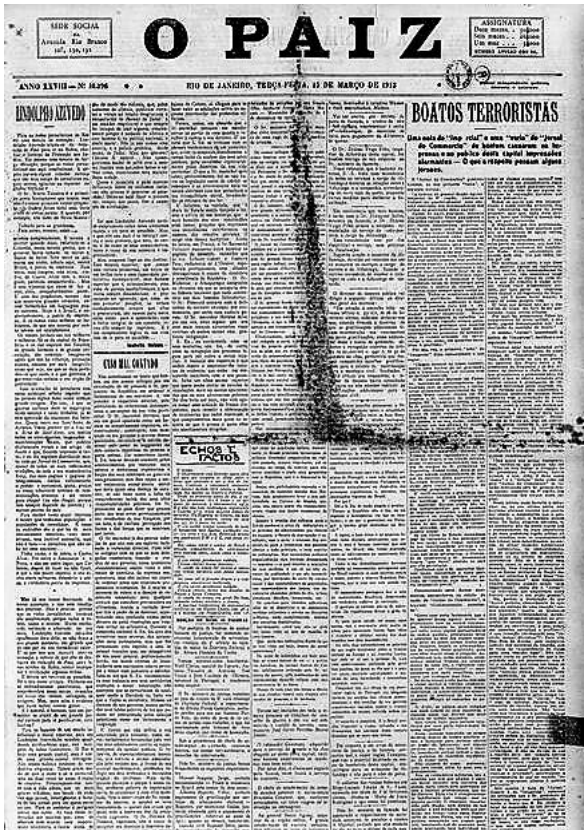
Nessa conferencia ficou assentada a nomeação do Dr. Henrique da Rocha Lima para ir á Europa em commissão da Saúde Publica, afim de estudar alli os melhoramentos scientificos que possam ser adoptados no Laboratorio dos Manguinhos.

Apezar da reserva guardada pelos Srs. ministro da justiça e director da Saúde Publica, dizia-se no ministerio da justiça que SS. EEx. trataram, com especialidade, da instauração de um processo contra o Dr. Urbino de Freitas por exercer illegalmente a profissão de medico.

Interrogado pelos representantes da imprensa, o Dr. Felix Gaspar nada deixou transparecer dessa conferencia, senão que o caso não estava ainda definitivamente resolvido.

Fonte: Jornal *Gazeta de Noticias*, n.172, 21 de junho de 1906, p. 1.

Figura 122 – Notícia sobre o embarque do cônsul geral de Portugal no Rio de Janeiro


O PAIZ

BOATOS TERRORISTAS

Pelo paquete *Koniy Wilhelm II*, regressou hontem para o seu paiz o illustre Dr. Fernão Botto Machado, digno consul geral de Portugal no Rio de Janeiro.

O embarque do distincto diplomata foi extraordinariamente concorrido, notando-se representantes de todas as classes sociaes e innumeros membros da colonia portugueza.

Entre as muitas pessoas que compareceram ao seu embarque, notámos as seguintes:

Dr. Bernardino Machado e filhas, Dr. Ferreira de Almeida, 1º secretario da legação; Dr. Agnello Pessoa, 2º secretario; Hugo Mósca, chefe da firma Hugo & C., e sua esposa, D. Olivia Pinto da Luz Mósca; Dias Leite, da firma Costa Pacheco, e senhora; Dr. Urbino de Freitas, Fernandes Cruz, vice-consul em Nitheroy; Alfredo Barbosa dos Santos e esposa, Diogo Ramires e esposa, Martins Ribeiro e esposa, Bernardo Marques Soares, Cardoso Fonseca, Paulino de Oliveira, consul em S. Paulo; Baptista Ribeiro, Almeida Carvalhaes, Bernardino Prista, Gabriel Marques Carregal, José Carlos de

Fonte: Jornal *O Paiz*, n.10396, 25 de março de 1913, p. 3.

Graças a um segundo indulto, publicado em 1913, o médico pôde regressar a Portugal, onde tentou, mais uma vez, comprovar a sua inocência, contando sempre com o apoio da esposa, que nunca o deixou, mas, entretanto, uma pneumonia adquirida em sua terra natal pôs termo à sua vida meses após a sua chegada.

No intervalo de tempo transcorrido entre o momento de sua prisão até o dia de sua morte, vários textos sobre ele foram publicados, sobretudo em periódicos. Essas obras fortemente influenciadas pela ciência da época mergulharam na polémica médico-legal referente ao envenenamento trazendo todas as minúcias do processo. Entre elas estão *O Crime da Rua das Flores no Porto: Opiniões da Imprensa e Provas Obtidas contra o Supposto Envenenador o dr. Vicente Urbino de Freitas*(1890), publicado pela Empresa do jornal *O Combate*; *Uma Causa Celebre com o Retrato e Biografia do Dr. Vicente Urbino de Freitas* (1893), de Alberto Conrado; *Os Crimes de Urbino de Freitas - Crimes e Criminosos Célebres* [18--], de Belo Redondo e Tomé Vieira; Urbino de Freitas (1898), de Sottomayor e *Verdadeira História de Urbino de Freitas e da Sua Infeliz Familia* (1904), de Agostinho Veloso de Silva.

Figura 123 – Litogravura do Dr. Urbino de Freitas

Fonte: Jornal *A Illustarção Portugueza*, n.50, 16 de maio de 1890, p. 6.

Entre tantos escritos, o “romance de sensação” de Gervásio Lobato se destaca justamente por não retratar com rigor aquilo que tinha sido narrado por testemunhas, por médicos, por peritos e por juízes. “Com o interesse d'um artista” a história do médico prestigiado que, por um motivo tão vil, transgrediu não só as leis, mas também o tão solene

juramento de sua profissão, o escritor, assim como fez com o caso de Henriqueta, transforma toda a situação deixando-a bem mais verossímil e atraente para o público.

Curiosamente, além dos doces e das bebidas feitos ou servidos com poderosos narcóticos, o médico envenenador do romance também domina técnicas hipnóticas capazes de induzir as pessoas a sentirem, a pensarem ou agirem de acordo com sua vontade:

> A interrupção de Heitor produziu no espirito do commissario de policia o mesmo effeito que produzira momentos antes o verbo narcotisar, e de novo o dr. Henriques se calou como que ferido por uma nova idéa.
> Heitor imaginou que esse silencio vinha de qualquer duvida que o commissario tivesse ácerca dos effeitos do hypnotismo apressou-se em confirmar o que dizia:
> O hypnotismo hoje está dando effeitos realmente sobrenaturaes, produzindo um estado de lethargia egual ou superior ao lethargo produzido pelos narcoticos, e até na Allemanha, onde esta nova sciencia está sendo estudada mais a serio se tem feito, com esplendidos resultados, experiencias da hypnotisação para substituir os narcoticos em certas operações dificeis e dolorosas
> – Não, não pode ser, disse o commissario de policia, pensando em voz alta e não respondendo ás palavras de Heitor, mas sim a umas consideraçoes que mentalmente estava fazendo.
> (LOBATO, 1890, v. IV, p. 345).

N'*Os Mistérios do Porto*, as passagens sobre a hipnose debatem se o transe funcionaria como um elemento facilitador da ação criminosos ao privar alguém dos seus sentidos. Isto era uma questão em franco debate naquele momento. Estudiosos debatiam se um indivíduo hipnotizado se reduziria mesmo a um autômato sob as ordens do seu hipnotizador e qual seria o poder da sugestão em um transe hipnótico.

Ainda que se tenha chegado a um consenso de que o transe hipnótico não seria capaz de subjugar totalmente uma pessoa e nem de transformar um "cidadão honesto" em um bandido, as descobertas e os avanços alcançados nas últimas décadas do século XIX representaram um passo extraordinário para a compreensão dos fenômenos da mente. O hipnotismo estava em evidência e fornecia evidências de que notáveis mudanças somáticas podiam ser ocasionadas unicamente por influências psicológicas, abrindo campo, por exemplo, para que os estudos de Sigmund Freud e para a criação da psicanálise.

O inconsciente, que durante muitos anos estivera sob discussão entre os filósofos como conceito, se tornava algo concreto, tangível e sujeito à comprovação através da experiência. Mas a parte mais profunda e insondável da psique humana não deixava de guardar segredos, assombrando o público leigo e, por isso, sendo abordada no enredo de romances como o de Gervásio.

Além de apresentar essa discussão, as cenas dedicadas exclusivamente à investigação e aos interrogatórios fazem com que o leitor descubra a existência de uma associação secreta formada por homens ricos e de prestígio que, para realizarem os seus mais perversos desejos,

se valiam dos serviços oferecidos pelo médico, pela cafetina e pelo bando de malfeitores que agia sob as ordens de ambos.

Após o desbaratamento da quadrilha, que rendeu a prisão somente dos membros mais desvalidos, todos tomam conhecimento de quem era o violador de Alda, um importante comendador, que confessa ter "encomendado" o ataque à mocinha que ele tentara seduzir:

> Ora a minha gran-mestra sabia perfeitamente que dinheiro tinha eu: astucia tinha-a ella: audácia tinhamol-a nós ambos.
> – Eu disse-lhe: quero aquella rapariga: por força!
> – Por força? Perguntou-me ella fitando-me.
> – Por força.
> – Gasta-se o que se gastar?
> – Gasta-se o que se gastar.
> – Empregando-se todos os meios?
> – Empregando-se todos os meios.
> – Todos, todos? Insistiu ella olhando muito para mim.
> – Todos! Respondi eu sem a mais ligeira hesitação.
> – Muito bem! Hade ter essa rapariga
> (LOBATO, 1891, v. V, p. 110).

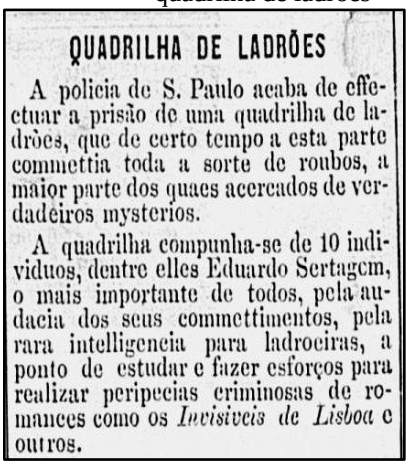
A presença de tal associação no romance revela indícios da existência de verdadeiras organizações criminosas que agiam no século XIX. De acordo com o que é narrado, essas quadrilhas, que até parecem ser muito rudimentares, se-comparadas com as grandes facções criminosas da atualidade, exerciam funções muito semelhantes às atividades dos grupos de contraventores e delinquentes atuais.

Tais grupos atuavam em clandestinas casas de jogo e bordéis, gerenciando a jogatina, a prostituição, e a oferta de bebidas alcoólicas ou de alcaloides para os consumidores de luxo. Para satisfazerem seus exigentes clientes de alto poder aquisitivo, eles frequentemente recorriam ao tráfico de mulheres e de crianças para alimentar e renovar o "comércio" do sexo.

Ao abordar a atuação criminosa dessas "associações secretas", o romance também revela as contradições de uma sociedade que reprimia os "vícios" dos pobres, mas tolerava os dos ricos. Segundo Alexandra Lousada, a condenação da bebida e do jogo recai sobretudo na sua prática por parte de populares, já que eram consideradas pelo senso comum da época a origem da violência e da indisciplina desse extrato social. Para as classes mais abastadas, a bebida e o jogo eram elementos considerados essenciais para a manutenção dos laços sociais.

O mistério da existência de "associações secretas", que, por corrupção das autoridades, não eram combatidas, também foi um tema amplamente discutido em outra trama de Gervásio. Escrita com a colaboração de Jaime Vítor, o também "romance de sensação, intitulado *"Os Invisíveis de Lisboa*", fez tanto sucesso no Brasil que era empregado como exemplo nas notícias sobre as quadrilhas brasileiras:

Figura 124 – Notícia sobre quadrilha de ladrões



QUADRILHA DE LADRÕES

A policia de S. Paulo acaba de effectuar a prisão de uma quadrilha de ladrões, que de certo tempo a esta parte commettia toda a sorte de roubos, a maior parte dos quaes acercados de verdadeiros mysterios.

A quadrilha compunha-se de 10 individuos, dentre elles Eduardo Sertagem, o mais importante de todos, pela audacia dos seus commettimentos, pela rara intelligencia para ladroeiras, a ponto de estudar e fazer esforços para realizar peripecias criminosas de romances como os *Invisiveis de Lisboa* e outros.

Fonte: Jornal *O Paiz*, 22 de janeiro de 1887, p. 2.

Figura 125 – Notícia *Os "Visíveis" do Rio de Janeiro*

Diario de Noticias

OS "VISIVEIS" DO RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro, como todas as grandes capitaes, é uma cidade toda de apparencias, de *exterior*, de *casquinha*, e, portanto, de fundos mysterios, de miserias secretas, d'isso que os francezes chamam *bas-fonds*.

Eugenio Sue descreveu os mysterios de Pariz, Ponson du Terrail os de Londres, Camillo Castello Branco os de Lisboa; e, como esses, outros muitos escriptores têm desvendado e virado á luz publica a parte intima e secreta d'essas e de outras grandes cidades. Estão ainda por escrever—os mysterios do Rio de Janeiro. Houve quem começasse essa empreza, mas arripiou carreira, pouco depois de inicial-a.

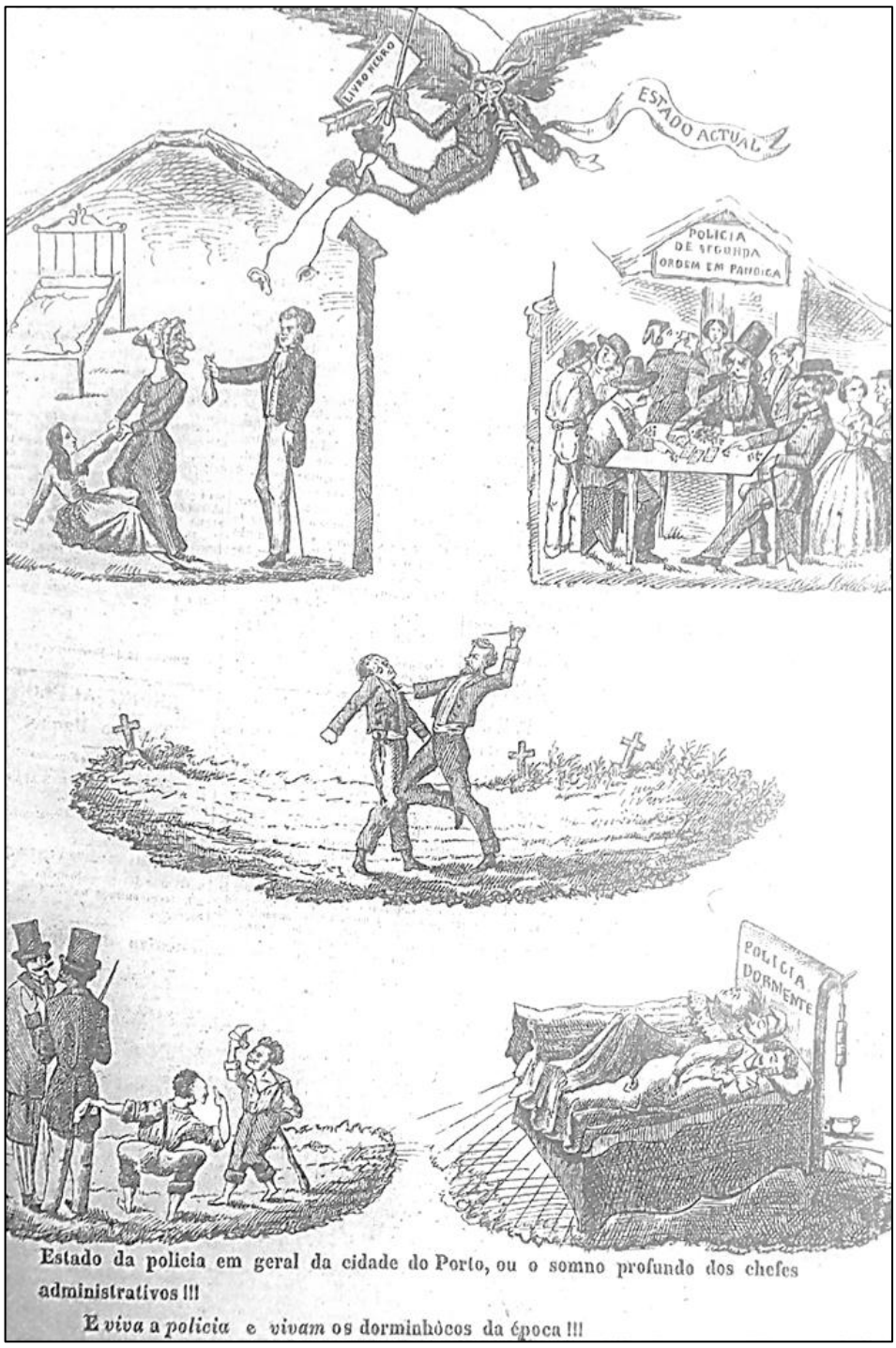
Fonte: Jornal *Diário de Notícias*, n. 527, 17 de novembro de 1886, p. 1.

Nos dois romances de Gervásio, as forças policiais mal equipadas, inadequadamente treinadas e remuneradas com um baixo salário eram ineficazes no combate a estas quadrilhas. Com exíguo efetivo e empregando métodos ultrapassados e um tanto displicentes, os "agentes da lei" que atuavam no Porto não conseguiam resolver nenhum crime sem a ajuda de Heitor.

Essa mesma visão a respeito do policiamento nas duas maiores cidades portuguesas é também veiculada nos periódicos da época. Sobre a polícia do Porto, o jornal *O Raio* publicou

uma narrativa icônica que apresenta cenas de lenocínio, de furto e de assassinato decorridas enquanto os guardas se ocupam do jogo e os chefes administrativos da polícia dormem:

Figura 126 – Crítica à polícia da cidade do Porto



Fonte: Jornal *O Raio*, n.167, 27 de setembro de 1862, p. 2.

Já sobre o policiamento lisboeta, o próprio Gervásio comenta, em crônica da revista *O Occidente*, dois "casos de sensação". O primeiro versava sobre um assassino que talvez ficasse impune se não fosse a ação de "três populares" a capturá-lo e entregá-lo às

autoridades; e o segundo era a respeito de um jornalista republicano que teria sido vítima do abuso de poder de “homens com ligações com a polícia”.

Figura 127 – Trecho da *Chronica Occidental*

CHRONICA OCCIDENTAL

E depois além d'isso a policia de Lisboa anda com azar: na semana passada fez d'ella acontecimento a inhabilidade desastrada com que deixou andar a passeiar tres dias e tres noites pelas ruas mais centraes da cidade, um assassino, de quem tinha todos os signaes e que a desprezou tanto que nem se deu ao incommodo de se disfarçar, um assassino que ninguem sabe quantos mais dias jantaria descançadamente no Cartaxeiro se tres populares o não tivessem entregado no Campo Grande á policia que nem sequer n'elle attentára; esta semana a policia foi de novo posta em evidencia pela aggressão cobarde de que foi victima um jornalista republicano, n'estes ultimos tempos muito fallado, aggressão que partiu d'homens, que tinham tido certas ligações com a policia.

Esse caso fez profunda sensação em Lisboa e deu mais força á campanha da imprensa contra a policia, campanha que triumpha, porque deve sahir por estes dias no *Diario do Governo*, a reforma dos serviços da policia, em que como n'outro dia dissémos, trabalha activamente o illustre ministro do reino.

AS NOSSAS GRAVURAS

A EXPOSIÇÃO DE CHICAGO

Fonte: Revista *O Occidente*, 21 de agosto de 1893, p. 2.

Mas graças ao herói do romance, Heitor, a identidade do malfeitor foi revelada, e as cenas relacionadas ao inquérito e ao julgamento, além de retratar as injúrias e os constrangimentos enfrentados pelas vítimas de estupro desde o primeiro momento da denúncia, apresentam também a última infâmia pela qual a ofendida poderia passar em um caso desses, a recusa do ofensor ao único meio que o isentaria pelo crime sem qualquer outra punição:

> – Não reparei, não.
> – É o artigo 400, paragrapho unico, disse o advogado. Fechando a secção 2ª, que trata das penas applicadas ao attentado ao pudor, estupro voluntario e violação, esse paragrapho diz textualmente: Se porem casar com ella – a victima do seu crime – cessará toda a pena.
> – Ora que novidade! tornou o commendador Gonçalves, encolhendo os hombros, desapontado, pois esperava que o seu advogado tivesse achado outra porta para sahir d'aquella situação, sem ser a porta do casamento, de que elle não queria fazer caso.
> – Ah! já sabia o paragrapho unico do artigo 400 ?
> – Isso toda a gente sabe.
> – E não se quer servir d'elle ?
> – Já se vê que não.
> (LOBATO, 1891, v. V, p. 297).

A investigação termina e o leitor, como um Deus onisciente, conhece todos os detalhes da vida de cada personagem. Alda, sem ter muitas saídas, se casa com o comendador, mas apenas no papel. O marido foge e a moça consegue se livrar daquela sentença que só era um castigo para ela. Sem poder se tornar a senhora do rico e bem-sucedido Heitor, aceita a proposta que o rapaz lhe fez. O advogado acabou por não vencer os limites sociais e compra uma quinta afastada de todos os olhares e de todos os comentários indiscretos, na qual, com frequência, vai encontrar com a moça que vivia com os pais e com o filhinho, parecendo sinalizar que, naquela sociedade, a única forma dos dois permanecerem juntos era mesmo aquela.

Dr. Jubim, assim como o médico envenenador verídico, consegue sair ileso da situação, diferentemente de Julieta, que, divergindo até de sua matriz de carne e osso, não tem a mesma sorte. Ela morre pobre, tísica e encerrada em um convento.

São muitas as interpretações possíveis a respeito deste. Ele pode ser entendido como um castigo moral para quem não seguiu os "bons costumes", o que, de certo, agradaria os seus leitores mais conservadores. Também pode ser visto uma tendência literária que destinou a morte tantas outras "prostitutas de papel". Mas, talvez, a leitura que parece ser mais evidente é a da denúncia de que a lei dos homens era realmente muito mais dura com mulheres.

Mesmo que o passado triste de Julieta, a menina que em tão tenra idade conheceu o que havia de pior nos homens, não a isentasse de sua reponsabilidade por seus atos, ele evidencia que ela sempre foi vítima de quem tinha respeito público, prestígio político, poder econômico e nenhum escrúpulo. Seus clientes eram homens influentes que contavam com a hipocrisia, o preconceito e a corrupção para fazer valer as suas vontades.

Os figurões da cidade acompanhavam procissões, faziam suntuosas doações a Igreja, mantinham casas de caridade, mas estupravam, corrompiam e encomendavam a morte dos pobres coitados que atrapalhavam a realização de seus desejos mais torpes. Isso tudo sem sofrer com um olhar reprovador, um nariz torcido ou riso de escárnio. Enquanto as jovens violentadas eram infamadas, os artistas depreciados, os pobres humilhados... Esses parecem ser os verdadeiros *Mistérios do Porto*.

Gervásio Lobato, ao prometer aos seus leitores histórias picantes, reviravoltas rocambolescas e mistérios policiais, oferecia também crítica social e análise política. Sua obra discutia a situação daqueles que não se encaixavam no padrão social vigente; dos pobres atraídos à cidade pela promessa de uma vida melhor, que só encontravam o crime e a indignidade; das mulheres que sofriam com o assédio, com a violência, com o abandono do

marido ou do amante, com a dificuldade de encontrar uma ocupação digna, com o aviltamento da prostituição e do casamento sem amor.

CONCLUSÃO

Cada época, cada sensibilidade, cada realidade social desenvolve suas próprias percepções do que classifica como crime e de como combater a criminalidade. Isto é facilmente comprovado ao se compararem os códigos penais de um mesmo lugar promulgados em diferentes períodos. O que antes era penalizado deixa de ser e outros delitos passam a ser previstos e castigados devido a mudanças de valores e de noções de justiça e de segurança.

Conforme afirma Foucault (2010, p.21), há uma semelhança fundamental entre quase todos os sistemas legais desenvolvidos e implementados ao longo dos tempos: os mesmos códigos, empregados para estabelecer punições e coibir agressões, violações e assassinatos, também eram utilizados para acoimar comportamentos, impulsos e paixões inoportunas.

Durante o século XIX, a elite burguesa portuguesa, ilustrada e urbana, empregava todos os esforços possíveis para fazer com que, pelo menos nas suas duas principais cidades, Lisboa e Porto, fossem cumpridas à risca as suas severas regras de conduta, indispensáveis ao novo modo de vida que se afirmava, uma rotina ainda profundamente regida pela moral religiosa, mas que rapidamente se rendia à produção e à acumulação de bens.

Mesmo os relacionamentos íntimos deviam ser prescritos e regulamentados, acatando os limites morais e as demandas do capital, embora, por outro lado, também os afetos, a afeição, o amor, o desejo e o prazer, tenham passado a ser experiências muito estimadas pelos burgueses em geral. As famílias passaram a ser as primeiras instâncias de realização do indivíduo, e por isso mesmo também de vigilância e de repressão. Era preciso defender a honra e a posição social – para tanto foram usadas formas por vezes sutis, por vezes cruéis de contenção e violência – mas não se podia esticar demais a corda porque novas formas de sentir estavam surgindo.

Os comportamentos e as formas de sociabilidade associados às camadas mais baixas da sociedade, incompatíveis com o ideal de civilização burguês, foram duramente reprimidos. A pobreza foi, então, criminalizada, marginalizada e deslocada para as periferias dos centros urbanos. Em uma época de incertezas política, crises econômicas e de grandes desigualdades sociais, o policiamento ostensivo e truculento era a principal ferramenta do Estado para proteger a propriedade privada e conter ou debelar possíveis revoltas populares.

Camilo, um grande observador e crítico de seu tempo, soube como poucos entender e retratar essas profundas contradições. Com os seus *Mistérios de Lisboa,* ele mostrou que a

estrutura complexa, extensa, cheia de reviravoltas, de segredos e de revelações do romance-folhetim era muito adequada para representar os amores contrariados, as paternidades trocadas, os filhos bastardos, as heranças usurpadas, os homicídios cometidos por ciúme, que, por mais fantasiosos que pudessem parecer, ocorriam aos montes e eram noticiados com frequência nos jornais da época.

A história do menino Pedro que, ao completar 14 anos, decide desvendar a sua origem e acaba revelando uma enorme sucessão de crimes cometidos por membros do clero, por fidalgos distintos e por comerciantes abastados, ainda denunciava que o sagrado lar, a quintessência do mundo burguês, também abrigava o sofrimento, a injustiça e a barbárie, e que criminoso bem-nascido e rico só era obrigado a se confessar ao padre e só era punido pela própria consciência, visto que o dinheiro "reabilita[va], e anistia[va] todos os crimes" (CATELO BRANCO, 2003, p. 349).

Ser economicamente favorecido em um mundo ainda repleto de miseráveis não era suficiente para uma burguesia que ansiava pelo estilo de vida da aristocracia. Com a perda de privilégios dos membros do Antigo Regime, as distinções sociais não são mais limites precisos, facilmente reconhecidos, legitimados e garantidos pelo nascimento. A nova classe dominante formada, sobretudo, por *nouveaux riches* e consciente de que a maior diferenciação entre os seus membros e os indivíduos das camadas mais pobres era mesmo o seu poder de consumo, ostentava toda a sua riqueza através de opulentas residências, de luxuosas vestimentas, do acesso à educação formal, do refinamento dos costumes e dos modos de agir.

A dedicação ao trabalho, a disciplina, a sobriedade e a racionalidade exigidas por essa nova ordem política, econômica e social, muitas vezes entravam em choque com a realidade de boa parte população citadina, quase sempre advinda das diversas comunidades rurais do país, em busca de melhores condições de vida, era considerada como uma gente indolente, rude e violenta. A associação entre a pobreza e o crime se estabelece, então, de forma quase imediata, e de tal modo que a história da criminalidade se confunde com os dramas quotidianos das classes populares oitocentistas, origem dominante e comum aos criminosos condenados, às vítimas e aos próprios agentes da lei.

A imprensa e a literatura, que detinham o poder de cristalizar imagens, de influenciar a opinião pública e de pressionar as autoridades competentes, fizeram dos transgressores e dos criminosos os seus principais protagonistas. Identificar, castigar, enquadrar, ocultar, tratar e

até eliminar os delinquentes, sem considerar as causas sociais e econômicas dos seus delitos, eram as práticas mais usuais de combate ao crime e à desordem.

Não era preciso exatamente delinquir para ser preso e degredado no Portugal do século XIX. Loucos, pedintes, prostitutas e crianças esfaimadas eram recolhidos, encarcerados e degredados simplesmente para livrar as "pessoas de bem" daquele incômodo convívio. A justiça como afirma uma personagem de *Les Mystères de Paris*, era como a carne, cara demais para os pobres[112] (2009, p. 911). Ainda havia quem tirasse proveito da situação de penúria e de desamparo desses "miseráveis" e que achasse que a violência, a fome e o frio enfrentados pelos encarcerados faziam parte da "reabilitação" e que a vida na cadeia deveria mesmo ser insuportável para que o maior instrumento de repressão oitocentista não se tornasse um refúgio desejado por aquela "escória humana".

A marginalização era ainda mais acentuada para aqueles que passavam pelo sistema prisional. Os presidiários que conseguiam sobreviver às duras condições do cárcere, quando reaviam a sua liberdade, se viam absolutamente desligados do contexto no qual estavam inseridos, tendo como único destino a irreversibilidade de sua trajetória como criminoso. O fenômeno da reincidência também não era analisado como consequência de uma conformação social injusta. Ao contrário disto, servia como base e comprovação da concepção da criminalidade como manifestação de uma natureza individual anômala, de um psiquismo perturbado por uma doença hereditária e/ou corrompida irremediavelmente pelo social.

Sentindo na pele todas as penalidades infligidas àqueles que não se encaixavam no padrão, Camilo ao ser preso como corréu na querela movida por Pinheiro Alves, marido de Ana Plácido, empunhou em sua defesa as mesmas armas empregadas para aniquilar publicamente os criminosos. O escritor, contando com a ajuda de amigos respeitados e letrados, moveu através da imprensa periódica e de sua própria literatura uma campanha baseada na ideia de que o adultério, crime de natureza estritamente moral, era quase uma consequência dos casamentos baseados em conveniências financeiras, um negócio entre homens, no qual a mulher era mera mercadoria, um comércio frio que excluía totalmente o amor.

Como Aníbal Pinto de Castro afirma, a absolvição de Camilo significava para muitos o triunfo das leis do coração sobre as convenções sociais e sobre o poder do dinheiro (2001, p.

---

[112] "La justice! Dit Pique-Vinaigre avec um éclat de rire sardonique, c'est comme la viande... c'est trop cher pour que les pauvres en mangent" (SUE, 2009, p. 911).

44-45). Em uma época em que o capital era milagroso, "como a vara de Moiséis [tinha sido] em tempos melhores" (CASTELO BRANCO, 2003, p. 173), era realmente representativa.

Um dos grandes pilares dessa bem-sucedida empreitada literária movida por Camilo, composta por textos importantes como o *Romance dum Homem Rico* e *Amor de Perdição*, é *Memórias do Cárcere*. Nesta obra, o escritor relata "com um realismo avesso a utopias" (CHORÃO, 2004, p.454) todas as nuances do quotidiano de privações, de infortúnios e de brutalidades enfrentado por centenas de pessoas no interior de uma das maiores prisões portuguesas do oitocentos, a Cadeia da Relação do Porto.

Diante de toda a sorte de criminosos, Camilo comprova que seu lugar não era definitivamente o cárcere e que o seu destino não poderia ser o degredo, pois, diversamente de muitos dos seus vizinhos de cela, ele não havia cometido qualquer ato de violência. Ao mesmo tempo em que se defende, o escritor denuncia a realidade penal e jurídica do seu país, mostrando que as bárbaras condições do encarceramento não podiam regenerar e nem educar ninguém e que muitos daqueles prisioneiros eram na verdade vítimas de um sistema socioeconômico cruel, frio e utilitarista.

A imagem de transgressor apaixonado, de eloquente defensor dos injustiçados e de profundo conhecedor dos tormentos enfrentados pelas almas indóceis e insubmissas difundida pelo próprio escritor nesse momento tão conturbado de sua vida foi tão bem urdida e retrabalhada ao longo de sua vasta obra, que ele acabou sendo chamado a participar da defesa de outros célebres "criminosos passionais": Viera de Castro e Marinho da Cruz.

O primeiro réu era um amigo pessoal de Camilo, e o escritor fez tudo o que estava ao seu alcance para ajudá-lo, inclusive publicou textos inspirados no acontecido, alegando que qualquer um, sem exceção, podia sucumbir frente ao desespero. Mas os esforços de Camilo, neste sentido, foram em vão. O renomado orador e político não quis se valer da única brecha legal que poderia garantir a sua absolvição do assassinato de sua mulher, a insanidade mental temporária. Com sede de glória, recusou a estratégia da qual mesmo Camilo[113] não se dera ao luxo de abrir mão. Vieira de Castro foi condenado e degredado para África, ainda que boa parte da população o apoiasse.

Já o segundo homicida se declarou um degenerado epilético latente e por pouco quase foi inocentado pela justiça militar, mas ao contrário de Viera de Castro, Marinho da Cruz era desprezado pela opinião pública. Para aquela sociedade o maior crime do alferes não era

[113] O advogado e os médicos amigos de Camilo apresentaram razões de foro patológico e hereditário para justificar o comportamento rebelde do escritor (CASTRO, 2001, p 44).

exatamente o assassinato, era ter uma pessoa do mesmo sexo como objeto de sua paixão e da sua loucura. Além disto, a distância etária e social entre os amantes foi explorada negativamente pela imprensa, que a todo momento insinuava que o alferes teria se valido da sua posição para "desencaminhar" o jovem e inexperiente cabo.

A comparação entre esses dois casos comprova que médicos legistas, psiquiatras e neurologistas, profundamente inspirados pela teoria lombrosiana, tinham garantido em definitivo o seu lugar junto a magistrados, a juristas e a investigadores nos inquéritos policiais e nos julgamentos penais.

Se antes, os alienados eram tratados como criminosos, agora todo criminoso deveria ser tratado como um alienado. Na prática, ainda demoraria muito para que os doentes mentais deixassem de ser oficialmente identificados como um perigo iminente. No final do século XIX e em boa parte do século XX, ainda se acreditava que, para garantir a ordem social e a integridade física dos próprios "doentes", o médico tinha o direito e dever de controlar, excluir e retirar tais indivíduos do convívio social.

Sem levar em consideração os preconceitos e visões de época, o mesmo Camilo que se compadeceu e defendeu os seus companheiros de prisão nas *Memórias do Cárcere,* também se compadeceu e defendeu Vieira de Castro, Marinho da Cruz e tantos outros padecentes representados em seus inúmeros textos. Ademais, entre sorrisos e lágrimas, amores e abandonos, o sofrimento sempre aparece nas obras de Camilo como a "realidade mais incontroversa do homem" (CHORÃO, 2004, p.454).

O "grande" século XIX já estava se fechando, mas a fórmula criada e difundida por Eugène Sue ainda não havia se esgotado, e como o criminalista Luís de Pina (1991, p. 90)[114] aponta, o extenso romance de sensação *Os Mysterios do Porto,* de Gervásio Lobato, é um dos últimos exemplos da literatura criminal finissecular. O escritor lisboeta muito conhecido por seu sucesso na comédia e na sátira de costumes, baseado em crimes e julgamentos reais, também escreveu sobre mortes sangrentas, sociedades secretas e violência e exploração sexual, empregando uma linguagem sensacionalista e por vezes picante para os padrões do seu tempo, e também urdindo enredos carregados de suspense e erotismo com o intuito de atrair a atenção de um público leitor acostumado a acompanhar esses casos nos periódicos.

Apesar de explorar todo o aparato da "literatura de sensação", o romance *Os Mysterios do Porto* aborda questões bastante controversas e ainda muito atuais. Ao trazer para as suas

[114] Luís de Pina foi professor da Faculdade de Medicina do Porto, diretor do Instituto de Criminologia do Porto e o primeiro diretor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

páginas, por exemplo, o crime de estupro e o de aliciamento de jovens para a prostituição, o autor, seja através das intervenções do narrador ou das falas das personagens, evidência que as vítimas desses dois crimes, muitas delas adolescentes e crianças, eram repetidamente acusadas de deliberadamente provocar ou favorecer a ação de seus agressores.

Mesmo quando realmente se comprovava a ocorrência do delito, a origem e o caráter das vítimas eram os principais parâmetros a serem avaliados para se estabelecerem ou não punições aos condenados. O castigo era certeiro para aquelas que ousavam denunciar os seus agressores: sempre terminavam humilhadas, desonradas e, no caso do estupro, até casadas com os seus estupradores, enquanto a honra masculina só era aumentada pela "sedução" de uma virgem. Ao dar voz a essas vítimas silenciadas, culpabilizadas e punidas, Gervásio mostra como as leis dos homens, naquele momento, em quase nada serviam às mulheres, principalmente as mais pobres.

N'*Os Mysterios do Porto* nem mesmo o amor foi capaz de vencer tal barreira. Alda, a moça violentada, perdeu a sua condição de mulher "casta e honesta", não podendo se casar com o seu noivo Heitor, um rapaz rico e de boa família. Mesmo sinceramente apaixonado pela moça, o protagonista da narrativa, que era corajoso o bastante para enfrentar os piores facínoras, não foi capaz de lutar contra as convenções sociais, e acaba propondo o concubinato como saída para conservar a sua relação com Alda. Muitas vítimas desse tipo de crime tiveram o mesmo destino da personagem ou, sem ter outra saída, tiveram que se prostituir para sobreviver, tal como faz Julieta, inspirada livremente em Henriqueta Emília da Conceição.

Ainda que tenha explorado temas muito semelhantes, as obras desses dois autores apresentavam muitas divergências. Como exemplos disto, temos as descrições pormenorizadas das cenas de estupro e de assassinato, nos romances de Gervásio, permeadas por uma semântica sado-erótica, que Camilo evitava empregar. Nas narrativas camilianas, em regra, apenas insinuações sobre o ato sexual são observáveis. E, por mais que narrador dos textos de Gervásio, com certa frequência, saia da fria posição de observador e tente uma tímida aproximação com o público, este está bem distante do que faz o narrador camiliano.

Ademais, Portugal se transformou no intervalo de tempo entre as obras desses dois autores, o que demandou uma nova estrutura jurídica e um novo sistema de investigação e policiamento adaptado a esse novo ambiente. Em pouco tempo e em toda a parte, a ciência passa a ser a principal aliada da polícia nas tarefas de materialização e de definição da autoria

dos crimes. As figuras do perito, do investigador e do detetive, incipientes nos romances de Camilo, ganham destaque na literatura produzida por Gervásio.

Para além das diferenças de estilo e de escolas literárias, é possível perceber nos romances de Camilo Castelo Branco e de Gervásio Lobato discussões muito semelhantes àquelas descritas em documentação histórica, como processos-crime e pareceres de juristas, e oficializadas nos diferentes códigos penais promulgados no século XIX. Na literatura e no documento mudam o conceito e o modo de abordar o crime.

Camilo e Gervásio discutem a conformação social, política e econômica vigentes na vida íntima da grande massa de anônimos, e apontam os desejos individuais, as aspirações coletivas. Em Camilo, há sempre espaço para a piedade pelos que sofrem sob os rigores da lei. Em Gervásio, abre-se o espectro de observação e de análise e as possibilidades de mudanças sociais aparecem de maneira mais verossímil, convincente e comovente.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Ângelo. *O Mosquito:* Jornal caricato e critico. Rio de Janeiro: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 1873-1875.

ALBERTO, Caetano; MACEDO, Manuel de; AZEVEDO, Guilherme. *O Occidente*: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro. Lisboa: Lallemant Frères, 1884 -1908.

ALMADA, Vitorino de Santana Pereira de. *Diario Illustrado*. Lisboa: Imprensa de Souza Neves, 1889-1896.

ALMEIDA, Fortunato de. *Histórias da Igreja em Portugal.* Barcelos: Livraria Civilização Editora, 1968, 4 v.

ALVES, José Édil de Lima. *A paródia em novelas-folhetins camilianas*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1990.

ALVIM, Pedro Taques de Almeida. *Correio Paulistano*. São Paulo: Typographia Imparcial, 1895.

ANDRADE, Maria Celeste de Moura. O século XIX : O mundo burguês/O casamento/A nova mulher. In: EVIDENCIA. Araxá : UNIARAXÁ, 2013. p. 63-80.

ARBIOL Y DÍEZ, Antonio. *Desengaños mysticos*. Madrid: Ruan Muñoz, 1756.

ATKINSON, Nora. *Eugène Sue et le roman-feuilleton.* Paris: A. Nizan and M. Bastard, 1978.

AZEVEDO, Francisco Pereira de. *Historia da prostituição e policia sanitaria no Porto.* Porto: Typografia de Francisco Gomes da Fonseca, 1864.

AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2005.

BARATA, Ana. *Lisboa «Caes da Europa»*. Lisboa: Ediçoes Colibri, 2010.

BASTOS, José Joaquim Gonçalves. *O Nacional:* Jornal Politico, Commercial, Industrial e Agricola. Porto: Typ. de Faria Guimarães, 1854-1862.

BAUDELAIRE, Charles. *L'Art romantique*. *Œuvres complètes V.III.* Paris: Levy, 1869.

BECKER, Karin. *Le dandysme littéraire en France au XIXe siècle.* Paris. Paradigme, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III. Charles Baudelaire:* Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1989.

_____. *Textos de Walter Benjamin*. Seleção, organização e tradução: Flavio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BERTILLON, Alphonse. *Identification anthropométrique*: instructions signalétiques. Melun: Imprimerie Administrative. 1893.

BERTIN, Louis-François. *Journal des Debáts*. Paris: s.n., 1800.

BITENCOURT, Cézar Roberto. *Falência da pena de prisão:* causas e alternativas. São Paulo: Saraiva, 2004.

_____. *Tratado de direito penal: parte geral*. São Paulo: Saraiva, 2004.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

BRAGA, Paulo Drumond. *Filhas de Safo:* uma história da homossexualidade feminina em Portugal (séculos XIII-XX). Alfragide: Leya, 2011.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX:* o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BROCA, Brito. Aluísio Azevedo e o romance-folhetim. In: BILAC, Olavo e PARDAL MALLET, João Carlos de Medeiros. *O esqueleto*. Mistério da Casa de Bragança. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

CABRAL, Alexandre. Nota preliminar. In: CASTELO BRANCO, Camilo. *Memória de Guilherme do Amaral*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira Livraria Editora, 1966. p. 05-26.

_____. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

CABRAL, António. *Camillo de Perfil; traços e notas:* cartas e documentos inéditos. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1914.

CALABRESE, Omar. *A idade neobarroca*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CALADO, Maria (Coord.). *Atlas de Lisboa.* A cidade no espaço e no tempo. Lisboa: Contexto, 1993.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos):* 1836-1880. São Paulo: Martins, 1972.

CARDOSO, Rafael. *Uma introdução à história do design*. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

CARNEIRO, Manuel. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro: Typ. da Gazeta de Noticias, 1906-1910.

CARVALHO, Alberto Marques de. *A Lanterna*. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1876.

CARVALHO, José Maria Baptista de. *Gervasio Lobato*. *Diario Illustrado*. Lisboa, 1892.

CASCÃO, Rui. Demografia e sociedade. In: MATTOSO, José (Org.). *História de Portugal-v.5:* O liberalismo. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 425-440.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Noites de insomnia offerecidas a quem nao pode dormir*. Porto: Ernesto Chardron, 1874.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Esbôço de critica*: Othello, o mouro de Veneza, de William Shakespeare*;* tragedia em cinco actos, tradusida para portuguez por d. Luis de Bragança. Porto: Livraria Civilização, 1886.

_____. *Dispersos de Camilo*. v.1. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.

_____. O bem e o mal. In: _____. *Obras completas*, v. 2. Porto: Lello & Irmão, 1985.

_____. A doida do Candal. In: _____. *Obras completas* v. 6. Porto: Lello & Irmão Editores, 1987.

_____. Revelações. In: _____. *Obras completas* v.13. Porto: Lello & Irmão Editores, 1991.

_____. Economia Política. In: _____. *Obras completas*, v. 13. Porto: Lello & Irmão Editores, 1991.

_____. A Senhora Rattazzi. In: _____. *Obras completas* v.17. Porto: Lello & Irmão Editores, 1994.

_____. *Memórias do Cárcere*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2001.

_____. *Onde está a felicidade*. Porto: Caixotim, 2003.

_____. *O livro negro de Padre Dinis*. Parceria A. M. Pereira, 2007.

_____. *Coração, cabeça e estômago*. Porto: Caixotim, 2008.

_____. *Os mistérios de Lisboa*. Lisboa: Relógios D'água, 2010.

_____; CASTILHO, António Feliciano de. *Castilho e Camilo:* correspondências trocadas entre dois escritores. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.

CASTILHO, António Feliciano de. *Revista Universal Lisbonense:* Jornal dos Interesses Phisicos, Moraes e Intelecctuais. Lisboa: Imprensa da Gazeta dos Tribunaes, 1846-1848.

CASTILHO. Júlio de. *Memórias de Castilho*, t.4. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.

CASTRO, Joaquim da Fonseca Silva. *A Revolução de Setembro*. Lisboa: Typ. J.B. da A. Gouveia, 1841-1861.

CASTRO, José Cardoso Vieira de. *Camillo Castello Branco noticia da sua vida e obras*. Porto: Antonio José da Silva Teixeira, 1862.

CHAGAS, Manuel Pinheiro. *Ensaios críticos*. Porto: Casa de Viuva Moré. 1866.

_____. Prefácio. In: LOBATO, Gervasio. *A comédia de Lisboa*. Porto: Livraria Chardron, 1911.

CHALHOUB, Sidney. *Classes perigosas*. *Revista Trabalhadores*. Campinas, n. 6, 1990.

CHESNEY, Kellow. *Les Bas-Fonds Victoriens*. Paris: Robert Laffont, 1981.

CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIXe siècle*. Paris: Perrin, 2002.

CHORÃO, João Bigotte. "Nótulas sobre jornalismo literário no século XIX". In: ESTUDOS CAMILIANOS: CAMILO CASTELO BRANCO – JORNALISMO E LITERATURA NO SÉCULO XIX. Braga: Centro de Estudos Camilianos, 1993, p. 13-18.

COELHO, Eduardo. *Diario de Notícias*. Lisboa: Typ. Universal, 1867-1886.

_____. *Carta de Eduardo Coelho a Camilo Castelo Branco.* Coleção de manuscritos do Real Gabinete Português de Leitura**,** 1870.

COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução ao estudo da novela camiliana.* Coimbra: Atlantida, 1946.

_____. *Introdução ao estudo da novela camiliana.* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001.

CORBIN, Alain. *Les filles de noce. Misère sexuelle et prostitution aux XIXe et XXe siècles.* Paris: Aubier, 1979.

CRUZ, Francisco Ignacio dos Santos. *Da prostituição na cidade de Lisboa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1841.

CUTILHEIRO, José. Honra, vergonha e amigos. In: PERISTIANY, J.G. *Honra e vergonha.* Valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

DAVID, Sérgio Nazar. Mimeses e moral em Camilo Castelo Branco. *Revista Colóquio/Letras.* Ensaio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n. 181, p. 77-87. 2012.

DEL PRIORI, Mary. *Mulheres no Brasil colonial*. São Paulo: Contexto, 2000.

DUARTE JUNIOR, A. J. *Henriqueta ou uma heroína do século XIX*. Porto: Typ. de Coelho Ferreira, 1877.

DUTACQ, Armand. *Le Siècle*: Journal Politique, Littéraire et d'Économie Sociale, Paris: Le Siècle, 1836.

ECO, Umberto. *O super-homem de massa*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação:* literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família na propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ESQUEMELIN, Alexandre Olivier. *The buccaneers of America*. London: G. Routledge, 1924.

FERNANDES, José Manuel. *Lisboa em obras*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997.

FERRO, Ana Luiza Almeida. *Crime organizado e organizações criminosas mundiais*. Curitiba: Juruá, 2009.

FRANCO, Maria de Fátima Oliveira da Costa. *Cadeia do Limoeiro:* Da Punição dos Delinquentes à Formação dos Magistrados. Lisboa: 2013.

FRANK, M. Edmond. Le Fait Divers. In : *Le livre du centenaire du journal des débats 1789-1889.* Paris: Plon, 1889.

FREUD, Sigmund. (1929 -1930). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FRIAS, Roberto. *O Crime:* apontamentos para systematização da criminalidade. Porto: Typografia de Alexandre da Fonseca Vasconcelos, 1880.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I:* vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

_____. *Ditos & escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, v. III.

_____. *Vigiar e punir:* nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2010.

GALVAN, Jean-Pierre. *Les mystères de Paris:* Eugène Sue et ses lecteurs. Paris: Harmattan 1998.

GARNEL, Maria Rita Lino. *Vítimas e violências na Lisboa da I República*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

GARRETT, Almeida. Viagens na minha terra. In: _____. *Obras Completas*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1963.

_____. *Correspondência Familiar*. Ed. de Sérgio Nazar David. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.

GARRIDO, R. G. Criminalística: uma grande área de atuação biomédica. *Revista do Biomédico*. São Paulo: Conselho Regional de Biomedicina, n. 50, p. 22-23, 2002.

GAUTIER, Théophile. Feuilleton de La Presse. *La Presse*, 19 de fevereiro de 1844.

GIRANDIN, Émile. *La Presse*, Paris: [S.n.]., 1836.

GOMES, Veronica de Jesus. Nas malhas da inquisição de Lisboa. In: AEDUS. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

GONZAGA, Maria da Glória Joana Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Micaela Gabriela Rafaela. *Chancelaria Régia - Registo Geral de Mercês - D. Maria II*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

HARPER, Fletcher. *Harper's Weekly*. Nova York: Harper & Brothers, 1874.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HERCULANO, Alexandre. Instrução popular. *O Panorama*, n. 5, p. 36-37, 1837.

_____. O século – Educação – Asilos da primeira infância. *O Panorama*, n. 1, p. 210-213, 1837.

_____. *Lendas e narrativas*, v. 1. Lisboa: Livraria Bertrand, 1970.

_____. *Opúsculos*, v. 2. Lisboa: Livraria Bertrand, 1984.

HENRIQUE, Marques. *Bibliographia camilliana*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1894.

HOBSBAWM, Eric. *A era do capital*: 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUGO, Victor. La peine de mort. In : *Œuvres complètes*. Paris: Librairie Ollendorff, 1938. v. I.

JESUS, Maria Elisabete Soares de. *Poder, caridade e honra*: o recolhimento do Anjo do PORTO. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2006.

JOÃO, Maria Vaz. *Crime e sociedade*: Portugal na segunda metade do século XIX. Lisboa : Celta, 1998.

KALIFA, Dominique. *Crime et culture au XIX siècle*. Paris: Perrin, 2005.

_____. *Les Bais-fonds. Histoire d'un imaginaire*. Paris: Le Seuil, 2013.

_____. Os lugares do crime : Imaginário social em Paris no século XIX. *Revista Topoi.* Rio de Janeiro : UFRJ, v.15, n.28, 2014.

LAMPREIA, José Manuel de Moura. *O Democrata.* Lisboa: Typ. Constitucional, 1840.

LEÃO, José Barbosa. *Jornal do Porto*. Porto: Typ. Commercial, 1869.

LIMA, Henrique de Campos Ferreira, *O Ecco*: crítico, Litterario e Político. Lisboa: Na Typ. de A. I. S. de Bulhões, 1840.

LIMA, Sebastião de Magalhães. *O Seculo*. Lisboa: Empreza de *O Seculo*, 1897.

LOBATO, Gervásio. Crônica occidental. *O Occidente.* Lisboa, 1884.

_____. *Os Mistérios do Porto*. Porto: Empreza Litteraria e Typographica, 1890-1891.

_____; VICTOR, Jayme. *Os invisíveis de Lisboa*. Lisboa: David Corazzi, 1886-1887.

LOPES, Maria Antónia. A assistência aos presos. In: MATOSO, José (Org.). *História de Portugal, v. 5*: o liberalismo. Lisboa: Editorial Estampa, 2008.

LOUSADA, Maria Alexandre. *Espaço de Sociabilidade em Lisboa:* finais do século XVIII a 1834. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1995.

_____. A Cidade Vigiada. A polícia e a cidade de Lisboa no início do século XIX. *Cadernos de Geografia*. Coimbra: FLUC, n.17, p. 227-232, 1998.

MALDONADO, Mário Artur da Silva. *Alguns aspectos da história da criminologia em Portugal.* Separata do n. 22 do Boletim da Administração Penitenciária e dos Institutos de Criminologia Instituto de Criminologia de Coimbra, 1968.

MATOSO, José (Org.). *História de Portugal, v. 5*: o liberalismo. Lisboa: Editorial Estampa. 2008, p. 441-442.

_____. (Org.). *História da vida privada em Portugal.* Lisboa: Temas e Debates, 2010.

MARQUES, Henrique. *Bibliografia camiliana*. Lisboa: A. M. Pereira,1894.

MARTINS, Francisco José Rocha Martins. *A paixão de Camilo*. Lisboa: ABC, 1924.

MENDES, J. Amado. As camadas populares urbanas e a emergência do proletariado industrial. In: MATTOSO, José (Org.). *História de Portugal- v. 5*: o liberalismo. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 493- 499.

MENEZES, Ludovico de. *Camilo. Documentos e factos novos*. Lisboa: Portugália, 1924.

MEYER, Marlyse. *Folhetim*: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MIRABEAU, Bernardo António Serra de. *Memória histórica e comemorativa da Faculdade de Medicina.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1872.

MONIZ, Antonio Egas. *A vida sexual*. Fisiologia e patologia. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1933.

MONTELLO, Josué. *Os inimigos de Machado de Assis*. Rio de janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

MONTEIRO, Abílio Adriano de Campos. *Oito dias de vista*. Porto: Livraria Civilização,1921.

MOTT, Luiz. Relações raciais entre homossexuais no Brasil colônia. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, 1985.

MOTTA, Paulo Oliveira. Um Camilo metafísico: O penitente de Teixeira de Pascoaes. In: FILOSOFIA E POESIA: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2016. p. 338-349.

MOUTINHO, José Viale. *Camilo Castelo Branco*: memórias fotobiográficas (1825-1890). Algragide: Editorial Caminho, 2009.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história:* suas origens, transformações e perspectivas. Tradução Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

OLIVEIRA, João de Deus. *O Raio*. Porto: Typ. d' Almeida Junior & Irmao, 1862.

ORTIGÃO, José Duarte Ramalho. *Literatura de hoje*. Porto: Tipografia do Jornal do Porto, 1866.

OUTEIRINHO, Maria de Fátima. Da Crónica-folhetim no Oitocentismo Português: Algumas (in)visibilidades. *Studies in Classicism and Romanticism.* Porto: FLUP, série SCR, n. 2, p. 159-171, 2013.

PAIS, José Machado. *A prostituição e a Lisboa boémia do século XIX aos inícios do século XX*. Lisboa: Querco, 1985.

PAYNE, Albert Henry. *Payne's universum, or, Pictorial world*. Londres: Brain and Payne, 1850.

PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente* vigiadas: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PEDROSO, Regina Célia. *Estado autoritário e ideologia policial*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

PEDROSO, Rosa Nívea. *A construção do discurso da sedução em um jornal sensacionalista*. São Paulo: Annablume, 2001.

PEREIRA, A. Martins. *Confissão sincera e completa da vida e crimes de José do Telhado - Extrahida das Memorias do Carcere de Camillo Castello Branco*. Prefaciada e accrescentada por A. Martins Pereira. Porto: Edição do Bazar Feniano de Antonio da Silva Santos – Editor, [18--?].

PEREIRA, Antonio Maria. *Branco e Negro,* Semário Illustrado. Lisboa: Livraria AMP, 1898.

PEREIRA, Miriam Halpern. Prefácio. In: VAZ, Maria João. *O crime em Lisboa, 1850-1910*. Lisboa: Tinta-da-China, 2014.

PERROT, Michelle. *História da vida privada: d*a revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Os excluídos da história :* operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2010.

PIMENTEL, Alberto. *Os amores de Camilo*. Lisboa: Empresa Literária Lisbonense, 1899.

PINA, Luis de. Sherlock Holmes no Porto. *Revista Guimarães*. Guimarães: Casa de Sarmento, 1991.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. *Os pontos nos is*. Lisboa: Lithographia Guedes, 1887.

_____. *O António Maria*. Lisboa: Typ. A Editora, 1891.

_____. *O calcanhar d'Aquiles*, Lisboa: Frenesi, 2006.

PINKER, Steven. *Os anjos bons da nossa natureza*: por que a violência diminuiu. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PINTO, José Manuel de Castro. *José do Telhado*. Lisboa: Plátano Editora, 2002.

POMAR, Júlio. *Estudo para o romance de Camilo de Aquilino Ribeiro*. Barcarena: Artemágica, 2005.

PONSON DU TERRAIL, Pierre Alexis. *Rocambole*: l'héritage mystérieux. Paris: Éditions Complexe, 1991.

PORTUGAL. *Ordenações, e leys do reyno de Portugal, confirmadas, e estabelecidas pelo senhor rey D. Joaõ IV*. Lisboa: Mosteiro de S. Vicente de Fóra, Camara Real de Sua Magestade, 1747.

_____. *Livro de autos de exame dos presos falecidos*. Porto: Arquivo Histórico do Estabelecimento Prisional do Porto, Lv.45, 46 e 81, 1831-1911.

_____. *Livro do Ministério da Justiça e Procuradoria Geral da Coroa*. Porto: Arquivo Histórico do Estabelecimento Prisional do Porto, Lv. 1, 1849.

_____. *Código Penal Português de 1852*: Aprovado por decreto de 10 de dezembro de 1852. Lisboa, Imprensa Nacional, 1855.

_____. *Procuradoria Régia, Livro Copiador de Correspondência com o Governo*. Porto: Tribunal da Relação do Porto, 1853-1895, Lv. 2.

_____. *Correição Crime do Bairro de Alfama*: processo-crime. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Letra M, mç.84, n. 5.

PRAÇA, José Joaquim Lopes. *A mulher e a vida ou a mulher considerada debaixo dos seusprincipaes aspétos*. Coimbra: Livraria Portugueza e Estrangeira do Editor Manuel de Almeida Cabral, 1872.

QUEIRÓS, Eça de. Uma campanha alegre. In: *As Farpas* – v. II. Mem Martins: Europa-América, 1987.

_____. *Os Maias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____; PISSARRA, Augusto. *Cartas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

QUENTAL, Antero de. Cartas I. In: MARTINS, Ana Maria Almeida (Org.). *Obras Completas*, v. 7, Lisboa: Comunicação, 1989.

RANGEL, Leonardo de Coutinho Carvalho de. Livre dentro dos muros: o caso de Madre Brígida de Santo António. *Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade do Sentimento Religioso*, Porto,v. 18. p. 55-81, 2011.

REIS JÚNIOR. João José dos. O PAIZ. Rio de Janeiro: Typ. d'O Paiz, 1887-1913.

RIBEIRO, Aquilino. *O romance de Camilo.* V.. II. Lisboa: Bertrand, 1974.

ROUANET, Sergio Paulo. A cidade que habitam os homens ou são eles que moram nela. História material em Walter Benjamin: "trabalho das passagens". *Revista da USP*, São Paulo, n. 15, 1989.

SÁ, Maria das Graças Moreira de. Camilo Castelo Branco: do amor como perdição. In: AA. VV. *Camilo Leituras Críticas*. Porto: Caixotim, 2003. p. 91-102.

SÁ, Sebastião José Ribeiro de. *O Preso:* esboço do estado das cadêas em Portugal, e d'alguns dos mysterios. Lisboa: Typografia da Gazeta dos Tribunaes, 1848.

_____. *Revista Universal Lisbonense*: Jornal dos Interesses Phisicos, Moraes e Intelecctuais. Lisboa: Typographia da Revista Universal Lisbonense, 1849-1851.

SAINT-BEUVE, Charles Augustin. *Œuvres choisies de Sainte-Beuve.* Paris. Delagrave, 1926.

SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Cidades capitais do século XIX*. São Paulo: Edusp, 2001.

SANTOS, João Camilo dos. *Os malefícios da literatura e da civilização:* ensaios sobre Camilo Castelo Branco. Lisboa: Fim de século edições, 1992.

SANTOS, Maria José Moutinho; COELHO, Margarida Santos. *O palácio da Relação e cadeia do Porto*. Porto: Edições ASA, 1993.

SANTOS, Maria José Moutinho. *A sombra e a luz:* as prisões do liberalismo. Porto: Afrontamento, 1999.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Edição, recepção e mobilidade do romance Les mystères de Paris no Brasil oitocentista. In: *Varia História*. Belo Horizonte,v. 26, n. 44, p. 599. 2010.

SEIXA, Adrião de. *Serões: Revista Mensal Ilustrada*. Lisboa: Livraria Ferreira & Oliveira, 1903.

SEIXO, Maria Alzira. Viagens no romance camiliano, A narrativa do tempo em O Romance de um Homem Rico. *Revista Colóquio/Letras.* Ensaio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n. 119, p. 35-40, 1991.

SILVA, Álvaro Ferreira da. *Crescimento urbano, regulação e oportunidades empresariais:* a construção residencial em Lisboa (1860-1930). Florença: EUI - Tese de doutoramento, 1997.

SILVA, João Paulo Correia da. *Retórica da ficção:* a construção da narrativa camiliana. Tese (Doutorado) - Universidade Católica Portuguesa, 2011.

SILVA, José Maria da Costa e. *Ensaio biográphico – critico sobre os melhores portuguezes* – Tomo IX. Lisboa : Imprensa Silviana, 1855.

SILVA, Pedro Augusto Correia da. *A Illustração Portugueza*, Revista Literária e Artística. Lisboa: Typ. do Diario Illustrado, 1890.

SKILTON, D. Prefácio. In: BRADDON, Mary Elizabeth. *Lady Audley's Secret*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. xx.

SUE, Eugène. *Les Mystères de Paris*. Bruxelas: Meline Cans et Compagnie, 1844.

_____. *Les Mystères de Paris.* Edition illustrée par J.-A. Beaucé et Staal. Paris: [S.n.], 1851.

TEXEIRA, Patrícia Oliveira. Os *sistemas jornalísticos europeus* no *século XVII* e a *génese* do *jornalismo*: *u*ma *comparação entre Portugal*, *Espanha* e *França*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2013.

TRACY, Davis. Actresses as working women: their social identity in victorian culture. London: Routledge, 1991.

VAQUINHAS, Irene Maria; CASCÃO, Rui. Evolução da sociedade em Portugal: a lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa. In: MATTOSO, José (Org.). *História de Portugal, v. 5:* O Liberalismo. Lisboa: Editorial Estampa. 2008. p. 441-442.

VALDEZ Y PALACIOS, Dr. Bibliographia. Mysterios de Paris. In: MINERVA BRASILIENSE – JORNAL DE SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES. Rio de Janeiro: Typographia Austral, 15 de janeiro de 1845.

VALENTE, Vasco Pulido. *Gloria*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2012.

VALFANDO, Luís Filipe Maria Fernando Pedro de Alcântara António Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis João Augusto Júlio. *Carta de lei pela qual D. Luís sanciona o decreto das Cortes Gerais de 26 de junho de 1867, aprovando a reforma penal e das prisões com abolição da pena de morte.* Arquivo Nacional da Torre do Tombo: 1867-06-26 a 1867-07-01. Disponível em: <http://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2015/06/ Abolicao_1867.pdf>. Acessado em: 10 nov. 2016.

VAZ, Maria João. *O crime em Lisboa, 1850-1910*. Lisboa: Tinta-da-China, 2014.

VIGARELLO, Georges. *História do estupro:* Violência sexual nos séculos XVI-XX. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

VIOLLAT, Georges. A travers le feuilleton. In: *Le livre du centenaire du Journal des débats 1789-1889.* Paris : Plon, 1889.

WALKOWITZ, Judith R. Sexualidades perigosas. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente :* O século XIX. Porto: Afrontamento, 1991.

ANEXO A – Diário de Notícias

PROPRIETARIOS
THOMAZ ANTUNES & EDUARDO COELHO, Redactor

Diario de Noticias

ADMINISTRADOR A. JUNEAS
CADA NUMERO 10 REIS
Quarta feira 1 de junho

N.º 1:617 — 6.º anno — 1870

TIRAGEM 18:000 EXEMPLARES

ASSUMPTOS DO DIA

INSTRUCÇÃO POPULAR

CHRONICA DO DIA

FESTA DE NOSSA SENHORA PARA O EGYPTO

SCIENCIA PARA TODOS

FOLHETIM DO DIARIO DE NOTICIAS

A memoria de Tasso

Morte em duello

Segundo districto criminal. — Julgamento de Miguel de Sá Nogueira, que na manhã de 29 de março de 1867 matou em duello no sitio de Palma de Cima o deputado José Julio de Oliveira Pinto

Hontem veiu ao juizo de direito do segundo districto criminal, a celebre causa em que era reu Miguel de Sá Nogueira, pronunciado pelo crime de ter morto em duello a José Julio de Oliveira Pinto. A historia d'este crime de que os nossos leitores tiveram em devido tempo minuciosissima narração, é em resumo o seguinte: Na madrugada de 29 de março de 1867 juntaram-se no sitio de Palma o reu e o fallecido, acompanhados de quatro testemunhas, sendo as do reu, os srs. D. Rodrigo de Almeida, sobrinho do marechal Saldanha, e José Paulino de Sá Carneiro; e do fallecido, o digno par do reino Eduardo Montuffar Barreiros e Antonio Camillo de Almeida Carvalho, deputado da nação. Ahi, estabelecidas as condições d'estas singulares luctas, restos das barbaras usanças da meia edade, marcadas as distancias, carregadas as pistolas e feito o signal convencionado, descarregaram os combatentes as suas armas, resultando ficar mortalmente ferido o deputado José Julio de Oliveira Pinto, o qual logo expirou, sendo o cadaver conduzido no trem para as proximidades do governo civil. Tendo logo o ministerio publico tomado conhecimento d'este horrivel acontecimento, procedeu-se ao corpo de delicto e autopsia no cadaver, concluindo se d'esta que a bala que matára o desgraçado chefe de familia, pesava vinte grammas e setenta e cinco centigrammas; atravessára o figado da superficie convexa para a superficie concava, dirigindo-se obliquamente para baixo, para dentro e para a esquerda, até chegar ao rim esquerdo, que estava dilacerado na sua parte superior, assim como a capsula supra sedal correspondente; que o rim esquerdo estava envolvido por um volumoso coagulo de sangue e dentro d'este a bala: estragos por toda a passagem da bala e grande derramamento de sangue na cavidade abdominal, resultado dos vasos sanguineos lesados pela bala na sua passagem, devendo a morte ter sido quasi instantanea. A causa primordial do duello foram uns deploraveis desbragamentos de linguagem proferidos na camara electiva entre o finado e um tio de Miguel de Sá. Concluido o corpo de delicto, deu o ministerio publico sua querella contra Miguel de Sá Nogueira, contra as quatro testemunhas e contra Francisco de Sousa Castello Branco, cirurgião ajudante de infanteria n.º 7, que assistira á lucta. Tendo-se procedido ao summario, por despacho de 6 de abril de 1867, foram pronuncia-

Diário de Notícias de 1º de junho de 1870

dos o reu, as ditas testemunhas e o sobredito cirurgião. Porém foi desprounciado por [illegible] da pronuncia e mostra[illegible] documento legal, que, sendo [illegible]nado da testemunha José Paulino de Sá Carneiro, seu coronel, tinha d'elle recebido ordem por escripto, para comparecer no logar do duello, não se lhe dizendo para que, e s[illegible] lá chegára é que soubera [illegible] se tratava, entendendo então [illegible]em a sua honra nem o dever de [illegible]tativo, lhe permittiam abando[illegible]r os combatentes. Sendo a testemunha Eduardo Montuffar Barreiros, par do reino, foi remettido traslado do processo á respectiva camara p[illegible] ser julgado, como foi, sendo [illegible]emnado em uma pequena pena. Egual traslado se remetteu ao quartel general da primeira divisão militar para ser julgado em conselho de guerra a testemunha D. Rodrigo de Almeida. Sendo as testemunhas José Paulino de Sá Carneiro e Antonio Camillo de Almeida Carvalho, deputados da nação, remetteu-se egual traslado para a camara dos srs. deputados; esta porém, por motivos que não devemos apreciar, não deu licença para o julgamento, ficando assim sem effeito a pronuncia contra elles. Contra o reu Miguel de Sá Nogueira, passaram-se logo mandados de prisão, os quaes nunca poderam ser cumpridos porque elle se tinha ausentado, crê-se que para Italia. Em 30 de novembro de 1869, porém, isto é, trinta e dois mezes depois do facto, apresentou-se o reu no escriptorio do escrivão do processo, a fim de prestar a fiança que era concedida no direito de pronuncia e seguir os termos do seu livramento, e tendo-se seguido estes, foi hontem o dia assignado para esse fim.

Diário de Notícias de 1º de junho de 1870, p. 2.

ANEXO B – A Lanterna

N. 10 — Sabbado 25 de Novembro de 1876

PREÇO 200 RÉIS

PREÇO 200 RÉIS

A LANTERNA

POR

OCTAVIO CARVORA

AVISO

As despezas da impressão e da brochura, nos obrigárão a modificar o preço da — LANTERNA.

Esperamos que os nossos leitores aceitem esta pequena alteração, justificada pelos motivos que indicamos.

IMPRENSA INDUSTRIAL

142—Rua Sete de Setembro—142

A Lanterna de 25 de novembro de 1876, p. 1

O que de mais vulgar e de mais frequente que esses tristes acontecimentos? a mulher pobre e desvalida sacrificada ao capricho de um momento, á paixão carnal inspirada pela puresa de suas formas, pelo encanto de seu semblante!

A paixão desvairada bafeja o lirio puro, a mão estende-se e rompe essa haste embalsamada! e que importa que ella não mais se erga e que inclinada morra sem que os raios do sol, nem as gotas do orvalho lhe possão restituir sua pureza e sua virginal brancura?

A virgem é arrebatada a sua innocencia, a filha casta ao amor da familia! São scenas que os nossos tempos tornárão frequentes e quasi vulgares — a moral mesma parece perdoal-as e esquecel-as.

Mas será isso motivo para nos admirarmos quando ao presenciar uma scena d'estas, a honra se ergue inflexivel e implacavel na sua vingança?

Será de admirar que o sentimento da familia dolorosamente ferido, se irrite e transponha os limites de uma prudencia banal?

Ah! atirar nas pedras da rua o cadaver de um homem, será maior crime do que atirar no leito infame da deshonra o corpo puro e virginal de uma mulher?

Se jamais a sociedade proclamasse que a paixão desvairada póde impunemente atirar seu sopro ardente e lubrico sobre a virgindade, estraçalhar a mulher que lhe resiste e depois atiral-a no desprezo e no olvido, ah! então o homem que ha pouco vingou sua irmã, então esse homem será um assassino!

Se a mulher que foi victima da sorpresa e da violencia, se a mulher que soffreu o atroz supplicio da deshonra, deve ainda mais soffrer, ah! então que a voz publica se una á todas essas que já a insultárão, e que de novo a victima palpitante, seja escarnecida e ultrajada!

A Lanterna de 25 de novembro de 1876, p. 10.

***

Mas não ! oh ! não amaldiçoemos ninguem, nesse drama de sangue, e pelo contrario lastimemos á todos, a victima, aquelle que a deshonrou e aquelle que a vingou !

« Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe. »

Se o poeta, para a mulher que succumbiu invocou a misericordia de todos, o que não será devido á essa que foi violentamente arrastada para a deshonra, a essa que nos braços de um homem viu-se transformada em uma vil prostituida, a essa que horrorizada debateu-se contra as terriveis caricias da lubricidade, e estorceu-se em uma ultima e suprema convulsão ao sentir-se a presa e a conquista de uma paixão violenta e irresistivel ?

E qual será a loucura e a dor que se hade apoderar da mulher cuja alma pura fica condemnada a agitar-se em um corpo profanado ?

Tal se nos afigura Julia Pereira e é por isso que a consideramos digna do interesse de todos.

Ah ! que nos seja licito imitando a palavra do grande Victor Hugo, dizer que a estima de todos lhe é uma nova virginidade !

***

Nesses dramas da mocidade, não entremos armados com o raciocinio gelado e a justiça inflexivel : os dramas da vida real, é preciso julgal-os guiando-se pelos sentimentos que os produzîrão.

— 155 —

A Lanterna de 25 de novembro de 1876, p. 11.

Sejâmos justos e sobretudo não esqueçamos nem os impetos da mocidade, nem os desgraçados exemplos que todos os dias ella presenceia.

O contagio é fatal neste seculo do qual disse Musset:

« ..... la corruption
« Y baise en plein soleil la prostitution. »

A nossa sociedade moderna afaga o vicio, e se ainda não o premeia pelo menos admira as suas extravagancias e não desgosta da sua ostentação vaidosa.

É o enthusiasmo pelo vicio, a emulação da libertinagem...

O concurso está aberto entre todas as paixões ruins, o jogo, a lubricidade, o adulterio e a grande prostituição...

Taes são os espectaculos que se encontram por toda a parte, nas grandes capitaes como nas cidades das provincias: ahi como aqui a corrupção vai lastrando, serpente immensa que já enleia o mundo!

O joven pois, que fascinado pelo espectaculo continuo do vicio, o homem que mesmo apezar de moço já gasto nos prazeres, procura voluptuosidades novas e desconhecidas, sem duvida não deve ser innocentado, mas tambem ninguem lhe póde fazer o crime maior do que elle é!

Desditosa aquella que o acaso approxima d'elle, infeliz essa que a casualidade expõe á cubiça de suas paixões exaltadadas pelo continuo espectaculo da impudicidade!

Essa será a victima do desencadeamento dos sentimentos impuros da sociedade inteira, e talvez essa sociedade desconhecendo seus porprios desvarios mais tarde a venha insultar e condemnar!

A Lanterna de 25 de novembro de 1876, p. 12.

E esse que aprendeu o vicio na grande escola do seculo, tambem talvez encontre juizes inexoraveis.....

Porém no meio da confusão geral e da corrupção de todos a lei e a honra, ficão de pé, e têm suas exigencias sagradas.

A lei zeladora da pureza das virgens, a lei que se pune a violencia d'aquelle que brutalmente se quer apoderar de um pouco de ouro, com mais razão deve condemnar o que arrebata a castidade, esse thesouro santo da mulher.

A honra, essa vingadora terrivel, tem direito de lembrar ao seductor que as voluptuosidades sempre se pagão, á mulher impura com dinheiro, e á mulher honesta senão com amor pelo menos com sangue!

O jury foi generoso com a honra alheia: onde ha uma mulher violada, ao lado não póde haver a innocencia do seductor, e acima não se deve encontrar a absolvição plena e completa da justiça dos homens.

Essa absolvição é um insulto para a victima, é um escarneo para a sua dôr, é a irrisão da sua desgraça!

Não, a justiça não tem direito de arrastar deante dos olhos de todos o corpo violado de uma mulher honrada, de atirar o seu pudor de boca em boca no jogo brilhante da palavra dos advogados, para finalmente, abandonando a si propria a virgem mutilada, entregal-a invingada ao insulto de todos!

Que direito tinha a justiça de collocar para sempre Julia Pereira sob o jugo da deshonra que lhe tinha imposto João Capristrano da Cunha?

Ah! a sociedade que nada lhe déra a essa infeliz, nem a riqueza, nem os gozos da vida, nem as mil alegrias da fortuna, com que direito vinha arrebatar-lhe a unica consolação que Deus lhe concedêra, a pureza da alma e a castidade do corpo?

A Lanterna de 25 de novembro de 1876, p. 13.

Porque a virgem desditosa havia de ficar immolada para sempre n'esse altar aonde se sacrifica tudo ás loucas paixões da epocha?

Porque esse corpo sem veu e já sem honra, ficaria para sempre entregue á prostituição de todos, e banhando-o no sangue não haveria um vingador que o lavasse da infamia?

E ao lado della haveria uma familia humilhada, ultrajada, transformada em objecto de desprezo para todos.

Haveria tambem um irmão que caminharia dando a mão á irmã, curvado tambem sob o peso da desgraça e da deshonra!

E tudo isto porque?

Porque em um momento de loucura, houve um homem cujas paixões maculárão com seu contacto ardente, uma mulher indefeza e chorosa!

Para que?

Ah! para pagar á uma sociedade insensata e cruel a voluptuosidade passageira do seductor, para pagar-lhe com lagrimas eternas o proprio ultraje recebido!

*
* *

Este grande drama rompe todos os fracos laços da reticencia da palavra.

Pretende-se que Julia Pereira, não é a victima indefeza, a virgem casta que a violencia deshonrou.

Quando ha pouco tempo na Inglaterra se deu um facto analogo, tambem disserão que a mulher que o coronel Baker tinha encontrade deante de si, era uma creatura impudica.

A Lanterna de 25 de novembro de 1876, p. 14.

Quando recentemento em Pariz um joven depois de ter seduzido a filha de um homem respeitavel, reusou desposal-a, tambem o pai ouviu dizer diante de si que sua filha era uma mulher impura.

Sim deshonradas e impuras depois que o sopro lubrico da paixão do homem, bafejou seus corpos immaculados, mas antes innocentes e castas!

De Alexandre Pereira, tambem se diz o mesmo: já ha muito a infamia pesava sobre elle!

Muitos o dizem, mas ninguem o prova!

Entretanto pouco importa!

Supponha-se que esse infeliz tenha ha já muito rolado no abismo de todas as paixões, de todos os vicios e de todas as degradações — mas essa ultima e suprema abjecção, ninguem podia impôr-lhe, e mesmo lá do seio da sua infamia e da sua deshonra elle tinha o direito de erguer-se, louco de tanta ignominia e de tanto opprobrio, e na hora em que atiravão o corpo debil de sua irmã no carreiro da prostituição, tinha todo o direito de apparecer para vingal-a!...

Mas, não; o vingador da honra de Julia Pereira, é sem duvida um homem de sentimentos nobres e de alma pura.

O vicio gasta a alma e a enfraquece communicando-lhe o desalento asqueroso da degradação, e a hedionda indifferença da abjecção.

Á honra só é que póde armar um braço e tornar a alma inflexivel.

Mas parêmos e concluamos.

O homem que matou para vingar sua irmã, apparece no

A Lanterna de 25 de novembro de 1876, p. 15.

quadro psychologico dos processos Cervetto e Bosselli, para salvar a humanidade, e para mostrar-nos que se n'estes ultimos tempos o crime tem arrastado a muitos, a honra ainda alenta alguns !

Sim, pela confusão dos acontecimentos diarios, e pelo sangue vertido, o drama Capistrano se acha unido á essas duas tragedias tambem sangrentas, mas entre esses crimes a razão destaca o drama da honra !

Imprensa Industrial. — Rua Sete de Setembro. 142

A Lanterna de 25 de novembro de 1876, p. 16.